



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
GRADUAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR EM LÍNGUA FRANCESA E RESPECTIVA
LITERATURA

WALÉRIA DÁVIA COSTA SALLES

PARA UMA CRÍTICA DA LITERATURA NO ENSINO DE
FRANCÊS: UM ESTUDO DE CASO

Orientadora: Professora Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis

Brasília, DF
2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
GRADUAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR EM LÍNGUA FRANCESA E RESPECTIVA
LITERATURA

WALÉRIA DÁVIA COSTA SALLES

PARA UMA CRÍTICA DA LITERATURA NO ENSINO DE
FRANCÊS: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Língua Francesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Professora Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis

Brasília, DF
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cp Salles, Waléria Dávia Costa
Para uma crítica da literatura no ensino de francês: um estudo de caso / Waléria Dávia Costa Salles; orientador Maria da Glória Magalhães dos Reis. -- Brasília, 2020.

70 p.

Monografia (Graduação - Língua Francesa e Respectiva Literatura) -- Universidade de Brasília, 2020.

1. Literatura em língua francesa. 2. Ensino de francês. 3. Literatura e subdesenvolvimento. I. Magalhães dos Reis, Maria da Glória, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
GRADUAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR EM LÍNGUA FRANCESA E RESPECTIVA
LITERATURA

Monografia apresentada ao Instituto de Letras (IL), da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Língua Francesa e Respectiva Literatura.

PARA UMA CRÍTICA DA LITERATURA NO ENSINO DE
FRANCÊS: UM ESTUDO DE CASO

WALÉRIA DÁVIA COSTA SALLES

Avaliado por:

Dr.^a Maria da Glória Magalhães dos Reis
Orientadora
TEL/UnB

Dr. Daniel Teixeira da Costa Araujo
TEL/UnB

Dr. João Vicente Pereira Neto
CNPq/SE-DF

Brasília, dezembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me sustentar e capacitar fiel e graciosamente para servir à sociedade, à minha universidade e ao meu país. À minha amada mãe, Lívia Márcia Cordeiro Costa, e à minha família, pela dádiva do apoio incondicional. À minha querida orientadora, professora Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis, pela jornada acadêmica que temos compartilhado desde 2018 e por acolher e orientar a composição desta pesquisa. Ao professor Daniel Teixeira da Costa Araujo, pelo amparo sempre gentil durante a graduação e pela partilha na entrevista concedida para a realização desta monografia. A todos os solícitos colegas de curso que participaram da pesquisa de opinião. A Antônio Aurélio Lisboa, cujas atenciosas contribuições foram indispensáveis para aperfeiçoar este exercício de escritura. Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, tornam possível a minha existência ao mesmo tempo singular e universal – àqueles sem os quais teria sido impraticável a concretização do árduo percurso de formação do qual este trabalho é fruto: muito obrigada.

Sonhos, acredite neles.

(Lênin)

RESUMO

A presente monografia tem como objeto de estudo a literatura no Plano Pedagógico de Curso (PPC) do bacharelado em Língua Francesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília. O objetivo principal é investigar questões relacionadas ao ensino de literatura observando aspectos ideológicos, culturais, históricos e sociais que possam explicar a centralidade da literatura proveniente da França no âmbito da graduação. Para tanto, fez-se um levantamento de bibliografias atuais de pesquisadores da área, mas também de teóricos já estabelecidos na perspectiva anticolonial adotada. A fim de aprofundar o debate sobre as questões colocadas, coletou-se a opinião de discentes e do coordenador do bacharelado. Intentando oferecer uma alternativa emancipadora ao ensino de literatura em língua francesa, optou-se por apresentar o projeto de extensão *En Classe et En Scène*, vinculado à Universidade de Brasília, como estudo de caso no intuito de verificar o valor e a relevância dessa abordagem a partir da experiência do coletivo.

Palavras-chave: Literatura em língua francesa. Ensino de francês. Literatura e subdesenvolvimento.

RÉSUMÉ

Cette recherche a comme objet d'étude la littérature dans le Plan Pédagogique de Cours (PPC) du niveau supérieur en Langue Française et Respective Littérature de l'Université de Brasília. L'objectif principal est d'enquêter sur des questions liées à l'enseignement de littérature en observant des aspects idéologiques, culturels, historiques et sociaux qui peuvent expliquer la centralité de la littérature d'origine française dans le cadre de la diplomation. Pour réussir à tel objectif, on a consulté des bibliographies actuelles de chercheurs du domaine, mais aussi de théoriciens déjà établis dans la perspective anticoloniale choisie. Afin d'approfondir le débat sur les questions soulevées, l'avis des étudiants et du coordinateur du cours ont été recueillis. Dans le but d'offrir une alternative émancipatrice à l'enseignement de la littérature de langue française, on a présenté le projet d'extension En Classe et En Scène, lié à l'Université de Brasília, comme étude de cas afin de vérifier la valeur et la pertinence de cette approche de l'expérience collective.

Mots-clés : Littérature de langue française. Enseignement du français. Littérature et surdéveloppement.

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Capítulo I - Da literatura	14
1.1 - O problema do subdesenvolvimento: implicações literárias e pedagógicas	19
2. Capítulo II - Bacharelado em língua e literatura francesas em foco	22
2.1 - Língua Francesa e Respectiva Literatura: currículo de graduação	23
2.2 - De retorno ao discurso	28
3. Capítulo III – Estudo de caso: <i>En Classe et En Scène</i>	30
Considerações finais	36
Referências	39
Apêndice A - Entrevista transcrita	41
Apêndice B - Questionário online	49
Anexo 1 - Projeto Pedagógico de Curso	65
Anexo 2 - Ementas	69

Introdução

A reflexão sobre o valor normativo de certas culturas, decretado unilateralmente, merece que lhe prestemos atenção.

(Frantz Fanon)

A língua é um sistema semiótico, portanto, sua natureza repousa naquilo que é social – é, então, inerentemente ideológica: “as línguas, produtos de sociedades heterogêneas e em permanente conflito, não são nem patrimônios inteiramente comuns nem espaços neutros de comunicação, mas meios de interação verbal, atinentes às esferas do exercício de poder” (CARBONI, MAESTRI, 2003, p. 58). O processo de aprendizado de uma língua estrangeira se distingue daquele de aquisição da língua materna: este, é espontâneo e se dá por exposição natural aos dados da língua; aquele, ao contrário, constitui um esforço consciente que pressupõe a internalização de sistemas semióticos outros (linguístico, social, cultural), por intermédio de processos reflexivos sistemáticos e orientados de seus elementos: “[...] a língua estrangeira é assimilada por um sistema de condições internas e externas inteiramente diverso, [revelando] em seu desenvolvimento traços de uma diferença muito profunda com o processo de desenvolvimento da língua materna” (VIGOTSKI, 2001, p. 266).

A língua cumpre, entre outras, a função de permitir o acesso a um determinado sistema semiótico expresso mediante a língua, pois como afirma Frantz Fanon: "um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito" (FANON, 2008, p. 34). A partir disso, cumpre notar que o ensino de língua estrangeira é voltado para a cultura dos grandes centros do capitalismo – e não por acaso, tendo em vista que o processo de colonização disseminou as línguas, sobretudo europeias, por todos os continentes. Ou seja, as escolhas pedagógicas para o ensino de língua estrangeira, de forma geral, concentram-se nas expressões culturais de países hegemônicos em detrimento de outros, periféricos, ainda que estes também possuam uma extensa e rica produção cultural em determinado idioma.

Nesse ponto, cumpre fazer considerações a respeito das terminologias *centro* e *periferia*. O colonialismo e o neocolonialismo implantados pelas nações europeias em outros continentes geraram uma série de consequências que se desdobram até hoje, como o subdesenvolvimento econômico e, conseqüentemente, o subdesenvolvimento das estruturas

ligadas à cultura. Relativamente à literatura, as condições materiais e objetivas que garantem sua existência e desenvolvimento não são observadas de forma a possibilitar uma ampla difusão da literatura de países subdesenvolvidos. Também dessa forma, os países centrais garantem sua hegemonia cultural. Portanto, ainda que sejam consideradas controversas em determinados contextos, essa terminologia se faz pertinente no esforço de compreensão do que o antagonismo centro-periferia representa, uma vez que o imperialismo ainda se apresenta como uma força candente na realidade material humana, muito embora a resistência a esse imperialismo seja também um aspecto notável nas sociedades exploradas.

A língua francesa possui uma extensa distribuição geográfica, sendo língua oficial de mais de uma dezena de países: Burkina Faso, Burundi, Camarões, Canadá, Comores, Costa do Marfim, Djibouti, França (Guadalupe, Guiana Francesa, Mayotte e Reunião), Gabão, Guiné, Guiné Equatorial, Haiti, Líbano, Luxemburgo, Madagascar, Mali, Mônaco, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, República do Congo, Ruanda, Seicheles, Senegal, Suíça, Togo e Vanuatu; além disso, o idioma ainda é a principal segunda língua de Argélia, Maurícia, Mauritânia, Marrocos e Tunísia. No que concerne à aprendizagem e ao ensino de francês como língua estrangeira, é notável que predomina, dentro das escolhas pedagógicas, o contexto cultural da França metropolitana. Regiões de expressão francesa canadenses também possuem alguma relevância sem, no entanto, escapar à condição de situarem-se nos centros do capitalismo, de maneira que regiões de expressão francesa dos continentes Asiático e Africano, bem como da América Central e do Sul permanecem à margem do processo institucionalizado de ensino e aprendizagem do francês como língua estrangeira. Com efeito, a “universalização das línguas e das visões de mundo das classes exploradoras, senhoras da arte de registrar, difundir e universalizar seus conceitos pela escrita” (CARBONI, MAESTRI, 2003, p. 105) permite incutir seus valores e ideologias nas sociedades subalternas, também por meio dos estudos que compreendem fundamentalmente sua língua.

Essa problemática importa a partir da compreensão da cultura como produto da história de um povo que, ao mesmo tempo, também a determina, pois "a cultura, sejam quais forem as características ideológicas ou idealistas das suas manifestações, é assim um elemento essencial da história de um povo" (CABRAL, 1980, p. 58). De maneira que ignorar a cultura de um povo em um contexto de ensino e aprendizagem de língua estrangeira é equivalente a negar o acesso à história desse povo, aos processos de desenvolvimento dessa sociedade, à formação de sua consciência social registrada por intermédio das manifestações culturais que

se realizam semioticamente, pois "qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 94). Assim, sendo a língua o signo ideológico que perpassa a compreensão e interpretação de todos os demais signos, e, no caso da literatura, sendo ela parte fundamental de sua composição, é incontestável que nela se incorporem as estruturas ideológicas da sociedade da qual é fruto e que por meio dela estas mesmas estruturas se estabeleçam e se difundam.

Segundo Amílcar Cabral:

[...] é na cultura que reside a capacidade (ou a responsabilidade) da elaboração e da fecundação do germe que garante a continuidade da história, garantindo, simultaneamente, as perspectivas da evolução e do progresso da sociedade em questão. Compreende-se assim que, **sendo o domínio imperialista a negação do processo histórico próprio do povo dominado, seja necessariamente a negação do seu processo cultural.** (CABRAL, 1980, p. 58 - grifo nosso)

Ora, a modernidade foi calcada no eurocentrismo e em seus processos de colonização e imposição cultural e é sabido que, com raras exceções, foi impossível às nações colonizadas furtarem-se plenamente a esse domínio, ainda que tenham conquistado suas independências formais, refletindo-se, naturalmente, nas mais diversas esferas da vida social, econômica e cultural. Isso não significa dizer que haja uma *pureza cultural* a ser defendida, mas que a cultura de regiões colonizadas não passou por um processo de contato e assimilação natural à interação humana, mas que, ao contrário, estes foram sistemática e violentamente impostos historicamente. Assim, nota-se que no objeto de estudo proposto, a saber, a literatura no currículo do bacharelado em Língua Francesa e Respectiva Literatura vigente no ano de 2020 na Universidade de Brasília, o ensino e a aprendizagem do francês são voltados, sobretudo, a uma exposição de dados semióticos da França – ou seja, distante de refletir, com efeito, a real diversidade cultural desse idioma, de maneira que se faz oportuna a colocação da seguinte pergunta: tendo em vista a diversidade existente, por que a contribuição literária de países periféricos em língua francesa não é efetivamente integralizada no processo formal de ensino e aprendizagem do francês?

Dessa forma, constituem os objetivos gerais da pesquisa: compreender a importância da literatura em sua aplicação no ensino de línguas, entender as questões ideológicas que operam no problema de pesquisa proposto – a fim de contribuir para o campo de pesquisa da

literatura no ensino de francês –, bem como apreciar uma perspectiva emancipadora para o objeto de estudo. Em conformidade com eles, os objetivos específicos da presente monografia são a) investigar o PPC a fim de compreender as relações entre ensino e aprendizagem de francês e a produção literária nessa língua com um olhar crítico, b) analisar abordagens de ensino e aprendizagem do francês com base no pensamento anticolonial e c) demonstrar o valor e a relevância dessa abordagem a partir da experiência vivenciada no projeto de extensão *En Classe et En Scène* vinculado à Universidade de Brasília.

Em sua tese de doutorado, Josilene Pinheiro Mariz (2007) discute a importância do texto literário no campo do ensino de línguas estrangeiras e, particularmente, do francês língua estrangeira. Partindo da percepção de que a aprendizagem de língua francesa esteve tradicionalmente associada às elites intelectuais, a autora investiga a inacessibilidade da literatura em língua francesa a aprendizes em desenvolvimento inicial. Também no âmbito da importância do texto literário no ensino do francês como língua estrangeira se inscreve o presente trabalho de conclusão de curso, justificando-se pelo esforço de buscar fornecer um enfoque que, porventura, tenha restado lacunar: a da inacessibilidade da literatura em língua francesa produzida nos países colonizados pela França. Dessa maneira, ao se debruçar sobre essa temática a pesquisa encontra justificativa também por intentar contribuir para o avanço do currículo de graduação em Língua Francesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília. Por fim, a pesquisa tem acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, pois se constitui como um esforço intelectual e científico de promoção do respeito aos direitos e liberdades inerentes a todo ser humano:

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2011, p. 193)

Assim, a justificativa desta pesquisa parte de uma defesa da apreciação e da difusão da literatura de expressão francesa produzida em países da periferia do capitalismo, sua valorização e o reconhecimento de sua importância na construção do conhecimento do francês como língua estrangeira – ou seja, não se trata de um desabono das escolhas tradicionais de mediadores culturais na aprendizagem e no ensino de francês, mesmo porque elas também fazem parte do patrimônio cultural humano. Ao contrário, trata-se de uma defesa da relevância das demais culturas que hoje elaboram produções culturais nesse idioma, tendo em

vista tanto o direito à fruição literária quanto seu papel humanizante, para uma superação da centralidade cultural europeia e para a construção do conhecimento de um falante que é crítico, porquanto é consciente. Pois, como afirma Maria da Glória Magalhães dos Reis, em seu artigo *Literatura e ensino: uma abordagem por meio das práticas teatrais*, “sendo a linguagem o eixo que perpassa a transdisciplinaridade é por meio dela que, como professores de línguas e literaturas, podemos promover e favorecer a construção de um discurso crítico” (MAGALHÃES DOS REIS, 2016, p. 290).

Esta monografia tenciona, então, refletir sobre aspectos históricos, sociais e culturais que se colocam no ensino e aprendizagem de francês como língua estrangeira, assim como propor um caminho emancipador para a questão levantada, especialmente por meio do ensino de literatura, com base em autores como Valentin Volóchinov, Antonio Candido, Amílcar Cabral e outros. O trabalho pretende, então, promover uma pesquisa qualitativa do tipo histórico-estrutural, dialética, objetivando apreender não só a forma como o fenômeno se apresenta concretamente, mas também sua essência, oferecendo uma hipótese de sua origem, apresentando relações e desdobramentos na realidade concreta em foco (TRIVIÑOS, 1987, p. 129).

O objeto de pesquisa concentra-se nos limites da literatura no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) proposto para o bacharelado em Língua Estrangeira e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, tomando-o como ponto de partida para investigar questões entre literatura, ensino e aprendizagem. Complementarmente, a pesquisa pretende aprofundar a investigação dos aspectos suscitados bem como analisar a experiência proporcionada pelo projeto de extensão *En Classe et En Scène* a fim de reunir dados que permitam demonstrar, nos limites da realidade proposta, a relevância da literatura de países periféricos na aprendizagem e no ensino de francês língua estrangeira. Para tanto, foram colhidos depoimentos por meio de um questionário online (apêndice B), com o objetivo de examinar qualitativamente os significados atribuídos ao fenômeno analisado. O questionário ficou aberto para receber respostas durante dezesseis dias (do dia 14 de setembro de 2020 ao dia 30 de setembro de 2020), contando com o total de treze participantes. Além disso, entrevistou-se o coordenador do bacharelado em Língua Francesa e Respectiva Literatura que atualmente compõe o quadro de professores de literatura francesa do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) (apêndice B). As perguntas e respostas dos dois eventos foram devidamente colocadas ao longo do texto conforme a pertinência e, integralmente, nos apêndices.

Assim, o primeiro capítulo trata da importância da literatura de forma digressiva: de sua natureza até sua relevância como mediadora no ensino, construindo a argumentação que servirá de base para demonstrar a potencialidade de sua utilização como meio de reflexão acerca do sistema linguístico e cultural em aprendizagem no processo de aquisição de uma língua estrangeira. Em tempo, coloca em debate questões inerentes à literatura enquanto sistema ideológico formalizado, constituído e transmitido por meio da língua a partir da compreensão de que sistemas dessa natureza são sempre forjados em um contexto social estruturado por relações de poder que se fundam na ideologia e são por ela modelados, adotando-se uma perspectiva anticolonial. A escolha por essa perspectiva se dá em razão da compreensão de que os aspectos analisados na presente monografia foram condicionados pelos processos históricos, dentre os quais a colonização.

O segundo capítulo apresenta o objeto de estudo do presente trabalho, o Plano Pedagógico de Curso (PPC) da graduação em Língua Francesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, dialogando com suas proposições. Investiga, ainda, a percepção de discentes e docentes no âmbito do currículo vigente, relativamente à literatura, coletados por meio de entrevista (apêndice A) e questionário online (apêndice B)..

O terceiro e último capítulo trata do uso de um gênero específico no processo de ensino e aprendizagem de francês: o texto teatral, explorando as potencialidades desse gênero literário no desenvolvimento de aspectos concretos da língua estrangeira. Por fim, apresenta o projeto de extensão *En Classe et En Scène* como estudo de caso que, reunindo as problemáticas apresentadas durante a pesquisa, coloca-se como possibilidade emancipadora do ensino de francês.

1. Capítulo I: Da literatura

Em primeiro lugar, é preciso fazer algumas considerações sobre a natureza humana, essa força propulsora que está em constante movimento e que o transmite a toda forma de existência, transformando a natureza e a si mesma nesse processo. Isso porque a natureza humana é, evidentemente, anterior à literatura em sua forma sistematizada e, ao mesmo tempo, seu cerne.

Para Marx (2008), o desenvolvimento incomparável do gênero humano se deve ao caráter da sua atividade vital, aquela capaz de garantir sua existência e reprodução, ou seja, o trabalho. Justamente nesse aspecto reside a diferença fundamental entre o ser humano, os animais e a natureza: a atividade vital humana é mediada pela consciência. Diferentemente dos animais, o ser humano não se relaciona diretamente com sua atividade vital, não é uma com ela, “eis por que a sua atividade é atividade livre” (MARX, 2008, p. 84). Como enfatiza o professor da Universidade Estadual do Ceará, Frederico Costa¹,

O homem é ainda um ser genérico, pois ele não tem apenas consciência de si mesmo como indivíduo, mas de sua própria atividade vital, isto é, o homem possui uma vida interior e outra exterior. Isso porque o ser humano se destaca da pura naturalidade ao fazer dela objeto para sua consciência, o que o torna um ente ativo que não se adapta simplesmente às condições naturais, mas que transforma conscientemente a realidade a sua volta. Daí a importância da sociabilidade e da linguagem na constituição da realidade humana. (COSTA et al., 2013, p. 224)

Assim, esse aspecto basilar da essência humana é manifesto em todas as transformações que o ser humano empenha na elaboração do mundo objetivo, pois o trabalho

[...] além de revelar a essência do ser humano em sua característica imanente de viver em comunidade e de ter uma existência genérica, é o fundamento da própria comunidade humana, porque ao manipular de maneira orientada a natureza, ela produz relações tipicamente humanas, relações produtivas, sociais, linguísticas, axiológicas e culturais. (COSTA et al., 2013, p. 228)

Partindo dessa dimensão de ser genérico, o ser humano manifesta sua essência por meio da transformação da natureza estendendo essa manifestação às relações que estabelece com seu meio e com o outro. Por isso mesmo é que a cultura é um produto do gênero humano que também o determina e que não pode ser separado das bases de sua existência material. Em

¹ O artigo possui coautoria de discentes bolsistas de Iniciação Científica.

síntese, a cultura é uma projeção da infraestrutura que lhe é correspondente, ou seja, é determinada por ela. Nesse sentido, a cultura se constitui como uma manifestação humana universal que, no entanto, é singular para cada sociedade, dado seu caráter superestrutural. Em acordo com esse entendimento, Amílcar Cabral, importante teórico marxista guineense, afirma em *As armas da crítica* (1989) que "a característica fundamental de uma cultura é a sua íntima ligação, de dependência e reciprocidade, com a realidade econômica e social do meio, com o nível de forças produtivas e o modo de produção da sociedade que a cria" (CABRAL, 1989, p. 66).

As manifestações da essência humana não dependem da língua, mas são mediadas por ela – quer no exercício de compreensão, quer no exercício de resposta. A língua, ao constituir-se como um fenômeno substancialmente social, estabelece as relações discursivas dialógicas. Assim, é possível afirmar que a interação verbal é inseparável da comunicação discursiva que, por sua vez, está atrelada a um horizonte social concreto e imediato. Volóchinov admite uma compreensão ampla do diálogo, para além da "comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face", assumindo que a comunicação discursiva se estende ao que ele denomina *enunciado verbal impresso*:

Um livro, ou seja, *um discurso verbal impresso* também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva [...] desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 219)

Como todos os demais gêneros discursivos, os enunciados literários correspondem apenas a um momento da comunicação discursiva ininterrupta – esta, por sua vez, é apenas uma parte constitutiva de uma determinada coletividade social, denominada *situação extraverbal*. O enunciado (seja qual for seu tipo) é, então, "concebido como um fenômeno real da linguagem e como uma estrutura sócio-ideológica" (VOLÓCHINOV, 2019, p. 223). No texto *Teses sobre Feuerbach*, Marx afirma que "a essência humana não é uma abstração inerente a cada indivíduo. Na realidade, ela é o conjunto das relações sociais" (MARX, n.p, 1845). Dessa forma, cumpre investigar o complexo elo entre a literatura, a sociedade e as implicações dessa relação no âmbito do ensino institucionalizado e, mais especificamente, nos limites do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) para o bacharelado em Letras Francês da Universidade de

Brasília. Contudo, antes de partir para esse esforço de compreensão tendo em foco a realidade concreta proposta, convém fazer algumas ponderações relativamente à literatura.

A literatura – bem como a reflexão filosófica acerca de sua natureza –, anima, fascina e enleva o gênero humano desde tempos imemoriais. Em seu ensaio *Direito à literatura*, Antonio Candido apresenta uma interessante concepção do que é *literatura*:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela [...] (CANDIDO, 2011, p. 176)

Essa afirmação parte da hipótese de que a criação ficcional ou poética, inerente ao ser humano, é genitora das manifestações literárias cujos mais variados gêneros estão cotidianamente presentes na realidade de indivíduos de todas as classes, sejam letrados ou iletrados, posto que a forma e a elaboração de composições dessa natureza sejam os mais diversos: da oralidade à escritura, da anedota ao romance histórico, da rima improvisada ao soneto. Os diferentes gêneros literários integram a classe de gêneros discursivos secundários, aqueles complexos que, segundo Bakhtin (2017), só podem surgir em contextos culturais altamente organizados e desenvolvidos. Sendo assim, a literatura se coloca historicamente como manifestação que compreende o indivíduo singular, a sociedade e o gênero humano enquanto expressão de humanidade que transpõe barreiras espaciais e temporais – daí o seu caráter universal:

Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no consciente e no subconsciente. Nesse sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CANDIDO, 2011, p. 177)

Sendo uma construção de significados que circunscreve as mais diversas características de um povo, a literatura se constitui como manifestação fundamental da cultura das diferentes civilizações.

No complexo procedimento estético de representação da realidade, que é o fazer literário, reside um aspecto de grande importância da literatura, desde sempre: é na composição poética que se realizam as criações imaginativas indispensáveis e inerentes ao gênero humano, mas também é nesse espaço de profunda e criativa relação com o real que reside a potencialidade humanizante da literatura. Antonio Candido sustenta que esse processo se realiza, sobretudo, pela força da palavra organizada que, notadamente ou não, tem a propriedade de ordenar também o discurso interior, as ideias e, conseqüentemente, a visão que se tem do mundo. A literatura, por meio da forma, é capaz de produzir e comunicar um conteúdo – não ordinariamente, mas de maneira a sensibilizar, a produzir um determinado efeito ao impressionar a percepção. Assim opera a indissociável relação entre forma e conteúdo no fazer literário, pois "a mensagem é inseparável do código, mas o código é a condição que assegura seu efeito" (CANDIDO, 2011, p. 180). Assim, essa capacidade ordenadora do pensamento e da reflexão concretiza-se, na literatura, por meio da construção de sentido proveniente da organização das palavras e produz, a nível cognitivo, impressões, sensações e emoções capazes de incidir sobre a personalidade, a visão de mundo e as ações dos indivíduos que entram em contato com o texto poético, mediante um processo reflexivo, sempre responsivo, de compreensão, incorporação, resposta e reprodução do enunciado estético. Nesse sentido, o professor e pesquisador João Vicente, afirma em sua tese que:

O texto literário, na medida em que cria realidades completas e paralelas à do leitor contribui para o entendimento da própria realidade vivida. [...] A palavra é fundamental no que diz respeito à nossa existência como seres sociais e históricos, talvez fosse possível inclusive dizer que é ela que nos humaniza. (VICENTE, 2019, p. 80)

A natureza do texto literário pressupõe uma determinada sensibilização do receptor – meio pelo qual a literatura opera a forma e comunica o conteúdo: "por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo" (CANDIDO, 2011, p. 177).

Para além dessa dimensão, no seio da literatura repousa um vasto e rico registro do trabalho e do espírito humanos, e também por isso encontra-se uma extraordinária relevância em seu uso nos processos pedagógicos de ensino e aprendizado de uma língua. Para o professor coordenador Daniel Teixeira da Costa Araujo, a contribuição da literatura na formação do conhecimento linguístico e cultural é incontestável e multifacetada: da aquisição

de vocabulário ao adentramento em uma outra elaboração cultural, porquanto “[...] a literatura é um texto autêntico [...] Não é um texto construído para o aprendiz de língua... Então ele pega aquilo que seria fornecido para um nativo ou uma pessoa que domina a língua. Então a gente já vê a língua em uso” (excerto da entrevista - apêndice A). Essa colocação evidencia de forma interessante o papel que desempenha a literatura na aprendizagem de uma língua estrangeira: para além de ser um texto autêntico, o texto literário "diferentemente de outros tipos de textos autênticos, é imperecível. Nele, há aspirações humanas perpétuas, e é um dos meios de compreensão de formas culturais diferentes" (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 41), posto que proporciona um contato vívido com o sistema semiótico no qual foi forjado e permite diferentes interpretações:

É nessa perspectiva que surge o texto literário como uma das formas mais férteis para viver essa experiência em um mundo diferente, em função da sua literariedade. Como documento autêntico, destituído de intenção pedagógica, esse texto contribui para o tratamento não somente de questões da língua ou literárias, propriamente; mas, estimula também a troca de fatores interculturais. (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 17)

Entretanto, o ensino de uma língua estrangeira compreende múltiplas dimensões históricas, políticas, sociais e culturais, sendo significativo fazer um levantamento dessas questões a fim de compreender o ensino do francês como língua estrangeira. Nesse sentido, Mariz defende que a estreiteza entre as categorias língua, literatura, cultura e civilização repercute historicamente no ensino: “no período colonialista, países da Europa ocidental consideraram sua própria cultura como superior, pois se viam como povos mais evoluídos que os colonizados, julgavam-se ‘civilizados’” (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 26).

O conceito de civilização, no sentido tomado pelas nações imperialistas, é problemático: gestado pelo desenvolvimento capitalista e reproduzido pela burguesia colonialista, a ideia de superioridade fez com que a língua e a cultura dessas nações se tornasse sinônimo de elevação do espírito humano que, como tal, deveria ser difundido e inculcado – ainda que a força – naqueles povos por elas considerados incivilizados: “a 'missão educadora' da França não se limitou a apenas divulgar a cultura (de um povo civilizado), fez-se necessária uma política cultural e linguística para legitimar o valor da língua e da cultura" (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 28). Assim, a partir do final do século XIX, a França passa a empreender um esforço de sistematização do ensino da língua francesa:

com o propósito de garantir a propagação da língua pura e cheia de virtudes em todos os continentes da terra. Todo o cuidado com o ensino da língua resulta, inevitavelmente, em uma cautela ainda maior com o ensino da literatura, visto que ela deveria ser considerada como a plenitude, o aprimoramento da língua e da cultura francesas. Um pensamento tradicional sobre o ensino da literatura desse país mostra que a cultura e a língua eram ensinadas em virtude da excelência que lhe é peculiar, como uma forma de dar a conhecer os monumentos da tradição, as instituições e, sobretudo, as obras-primas artísticas e literárias do país. (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 29)

Tendo em vista esse fato, uma questão potencial se coloca: se historicamente as línguas e culturas dos países colonizados foram consideradas inferiores, ou seja, dignas de serem convertidas ao estado de civilização da qual a Europa era emissária, como poderiam ser consideradas suficientemente iluminadas as culturas e literaturas que se formaram a partir da imposição dessa civilização a ponto de representarem a pureza e a virtude da língua francesa?

Assim, tem-se um vislumbre do que pode ter ensejado a organização de políticas linguísticas e culturais que colocam à margem as nascentes culturas e literaturas provenientes dos países colonizados, aqueles tidos como subalternos. Os mecanismos de reprodução dessa condição são os mais diversos e circunscrevem-se em diferentes esferas da vida social. Pretende-se investigar um desses aspectos a seguir, qual seja, as implicações do subdesenvolvimento nos meios que se relacionam à literatura e ao ensino e aprendizado formais do francês como língua estrangeira.

1.1. O problema do subdesenvolvimento: implicações literárias e pedagógicas

No ensaio *Literatura e subdesenvolvimento* (1989), Antonio Candido faz importantes colocações acerca do subdesenvolvimento cultural observado em países que sofreram processos colonizatórios ao longo de sua história: “considerada como derivação do atraso e da falta de desenvolvimento econômico, a dependência tem outros aspectos que manifestam a sua repercussão na literatura” (CANDIDO, 1989, p. 155). A relação entre dependência econômica e dependência cultural se coloca como consequência do processo de subdesenvolvimento das mais variadas formas. As condições materiais e objetivas de desenvolvimento de uma literatura nacional – a saber, determinada unidade linguística, alfabetização, estabelecimento de uma comunidade leitora e escritora, meios de difusão e de especialização da crítica, entre outras – não são observadas plenamente em países subdesenvolvidos. Neles, ao contrário, essas condições são, por vezes, incipientes ou atrasadas, constituindo um traço importante de condicionamento do subdesenvolvimento

cultural: “os traços apontados não se combinam mecanicamente e sempre do mesmo modo, havendo diversas possibilidades de dissociação e agrupamento entre eles” (CANDIDO, 1989, p. 142).

A cultura dos centros do capitalismo, por outro lado, historicamente dispõe dos meios garantidores da existência, desenvolvimento e continuidade da cultura e da literatura, fazendo incidir sobre os países subdesenvolvidos uma estrutura cultural e ideológica já consolidada: “por este meio, tais países podem não apenas difundir normalmente os seus valores, mas atuar anormalmente através deles para orientar a opinião e a sensibilidade das populações subdesenvolvidas no sentido dos seus interesses políticos” (CANDIDO, 1989, p. 144).

Ao considerar os processos de colonização, é plausível compreender que, na formação dessas literaturas periféricas, circunscreva-se uma forte influência da metrópole na produção literária nascente: “esta é a que se poderia chamar de influência inevitável, sociologicamente vinculada à nossa dependência, desde a própria colonização e do transplante por vezes brutalmente forçado das culturas” (CANDIDO, 1989, p. 150). Nesse sentido, a fala do professor Daniel Teixeira: o “processo de legitimação e autonomização dessas literaturas passa pela independência política, cultural, social desses países, também. Eu acho que não é à toa, os estudos culturais, pós-coloniais, eles também vêm trazer uma outra percepção sobre essas literaturas, de reconhecimento de valor estético, de reconhecimento de representação...” (excerto da entrevista - apêndice A). Ainda assim, é bem verdade que a conquista da independência dos estados nacionais, antigas colônias, nem sempre garantiu a plena emancipação econômica e cultural. Atendo-se aos casos do neocolonialismo francês, pertinentes ao contexto desta monografia, o que se vê são baixos índices de desenvolvimento humano, sobretudo em regiões da América Central e do continente Africano como Haiti, Burkina Faso, Togo e Senegal, por exemplo. Isso significa que o rastro deixado pela exploração do império neocolonial francês não deixou, senão, profundas marcas de atraso como se verifica historicamente em regimes dessa natureza:

Uma análise *objetiva* e sem paixão do imperialismo, enquanto fato ou fenômeno histórico 'natural', ou seja, 'necessário' no contexto do tipo de evolução *econômico-política* duma grande parte da humanidade, revela que o domínio imperialista, com todo o seu cortejo de misérias, de pilhagens de crimes e de destruição dos valores humanos e culturais, não foi senão uma realidade negativa. A imensa acumulação monopolista do capital numa meia dúzia de países do hemisfério norte, como resultado da pirataria, do saque dos bens de outros povos e da exploração desenfreada do trabalho desses povos provocou o monopólio das colônias, a partilha do mundo e o domínio imperialista. (CABRAL, 1980, p. 72-73)

A manutenção desse sistema de exploração está em constante mudança de suas formas. Se antes a violência da exploração, da dominação e da imposição cultural era claramente manifesta, a independência dos estados nacionais logrou avanços em direção a sua emancipação, mas, prejudicados pelas mais diversas forças políticas, econômicas e diplomáticas, as recentes ex-colônias foram e são obstadas de seu pleno desenvolvimento. A dominação e imposição cultural passa a ser, então, muito mais eloquente, silenciosamente assimilada e calorosamente apregoada pelas elites periféricas ao desempenharem seu papel de reprodução dessa dominação:

[...] as elites coloniais autóctones, forjadas pelo processo de colonização, apesar de serem portadoras de um certo número de elementos culturais próprios da sociedade autóctone, vivem material e espiritualmente a cultura do estrangeiro colonialista, com o qual procuram identificar-se progressivamente, quer no comportamento social, quer na própria apreciação dos valores culturais [...] (CABRAL, 1980, p. 77)

As massas populares, de identidade muito mais consolidada, posto que são agentes fundamentais na construção da cultura nacional, não são, contudo, imunes à política de difusão da cultura dominante que incidem contínua e maciçamente sobre as culturas periféricas, enfraquecendo suas expressões e, conseqüentemente, as identidades nacionais que circunscrevem. Isso porque a intervenção imperialista deve ultrapassar as dimensões econômicas para se consolidar, fazendo incidir sobre os países explorados a sua cultura sob a forma de superioridade e sofisticação em comparação às culturas periféricas, rotuladas como inferiores, primitivas, exóticas:

Por um lado, há uma cultura à qual se reconhecem qualidades de dinamismo, de desenvolvimento, de profundidade. Uma cultura em movimento, em perpétua renovação. Frente a esta, encontram-se características, curiosidades, coisas, nunca uma estrutura. (FANON, p. 81, 2018)

Assim, é notável a potencialidade de assimilação da cultura hegemônica e como isso se reflete no ensino da língua estrangeira à qual se vincula. No que tange ao problema de pesquisa proposto na presente monografia, é importante discutir como o subdesenvolvimento reverbera nas práticas pedagógicas do ensino de francês, sob a perspectiva das implicações literárias e pedagógicas dessa problemática.

Segundo Mariz, “historicamente, o ensino de literatura francesa está intimamente ligado ao ensino dessa cultura” (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 26). Com o advento do capitalismo que possibilitou a instauração do colonialismo, a ideia de *civilisation* passa a ser construída pela sociedade europeia. No imaginário franco, a ideia de "missão civilizatória" – da qual o povo francês deveria ser portador –, refletiu-se na criação de políticas culturais, linguísticas e educacionais pois, "ao contrário dos ingleses, os franceses tinham uma preocupação com a escola, local onde se pode ensinar e, inclusive, impor seus valores" (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 28). Sucintamente, essa teria sido a gênese da idealização da difusão da língua e cultura francesas pelo mundo:

Com a intenção de divulgar (leia-se impor), para além do território francês, essa língua tão perfeitamente clara e virtuosa, os responsáveis pelo seu tratamento, pureza e manutenção tiveram que empreender grandes esforços para fazer dela o que de fato queriam que ela fosse: uma língua universal, já que a sua estrutura e sonoridade estão muito além da beleza que lhe é peculiar. A divulgação da língua culta e racional foi feita, seguindo-se uma sistemática tentativa de anulação das línguas regionais, como o patuá, bem como das línguas estrangeiras, nos países onde a França se instalara com a sua "missão educadora". (PINHEIRO MARIZ, 2007, p. 28)

Apesar das ferrenhas políticas de opressão da cultura periférica e das políticas de disseminação da cultura hegemônica implacavelmente empregadas como instrumentos de dominação, é sabido que as armas e homens forjados pela lógica de dominação burguesa historicamente têm se voltado contra ela, seja nos processos de independência formais, seja em atos de luta e resistência. Mudanças paradigmáticas dessa ordem só podem ser geradas em processos de profunda reflexão e consciência, em uma dinâmica de negar a alienação e a aceitação dessas tensões e contradições. Com efeito, o potencial reativo capaz de construir mudanças concretas na realidade objetiva se encontra nas diferentes formas de aprimoramento do espírito humano, no afinamento das percepções: condição que se alcança mediante o acesso à cultura, ao lazer, à saúde, ao trabalho, à educação. Assim, é oportuno examinar como se relacionam as questões colocadas até aqui com o objeto de estudo, qual seja, a literatura no Projeto Pedagógico de Curso do bacharelado em Língua Francesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, dado seu caráter de instrumento institucional de educação.

2. Capítulo II: Bacharelado em língua e literatura francesas em foco

2.1 Língua Francesa e Respectiva Literatura: currículo de graduação

A graduação em língua e literatura francesas foi reconhecida pela Portaria n. 064745 de 30/6/1969, no âmbito do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília. O curso compreende cerca de 8,6% dos discentes radicados no Instituto de Letras². Inicialmente, a presente pesquisa tinha o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) das duas habilitações – bacharelado e licenciatura – em seu escopo de análise. No entanto, não foram encontrados registros de um PPC concernente à licenciatura – fato que motiva o debate relativamente à sua estruturação: se não há sequer um plano pedagógico específico para a formação de professores, como viabilizar a discussão e o avanço dessa habilitação? Fica colocada aqui a questão, embora não seja possível suscitar, neste espaço, uma elaboração a altura de sua importância. Por fim, em razão da inexistência de um documento próprio da licenciatura, será examinado apenas o PPC do bacharelado.

O Projeto Pedagógico de Curso, vigente no ano de 2020, foi elaborado em 2010 por uma comissão de professores dos Departamentos de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) e Teoria Literária e Literaturas (TEL), vigente desde o ano de 2015. Segundo o documento,

O objetivo geral do curso de Bacharelado em Letras Francês é formar bacharéis interculturalmente competentes, com espírito crítico e científico, aptos para o mercado de trabalho, conscientes da necessidade de buscar sua formação continuamente e desejosos de participar ativamente do aprimoramento da reflexão sobre os fenômenos linguísticos e literários de expressão francesa, bem como sobre a relação desses fenômenos com aqueles expressos em outras línguas. (PPC, 2015 - anexo 1)

É sensível, então, que a diversidade cultural e o cultivo do espírito crítico e científico constituem aspectos basilares do curso. Nesse sentido, a graduação em Língua Francesa e Respectiva Literatura apresenta aspectos bastante positivos e pioneiros. Por isso mesmo, ao habilitar discentes para a identificação e questionamento das tensões e contradições inerentes à realidade concreta e através do fomento dos pilares próprios ao curso, a graduação permite a formulação de pensamentos críticos – como o aqui exposto – que visam contribuir para a reflexão e aperfeiçoamento da prática de ensino e aprendizagem dentro da universidade.

² “O Instituto de Letras conta com aproximadamente 150 docentes, cinquenta servidores e 3 mil alunos, dos quais aproximadamente 260 alunos das diferentes habilitações em Língua e Literatura Francesas.” (PPC, 2015 - anexo 1).

Relativamente à justificativa acadêmica da matriz curricular, o documento afirma que os conteúdos básicos do curso de Letras, ligados à linguística e à literatura,

devem fundar-se na percepção da língua e da literatura como prática social e como forma mais elaborada das manifestações culturais. Devem articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática, essenciais ao profissional de Letras, priorizando a abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como um meio de desenvolver o espírito crítico. (PPC, 2015 - anexo 1)

Essa justificativa evidencia o papel da literatura como parte fundamental do processo de aprendizagem da língua-cultura amplamente difundido, precisamente porque nela residem e operam as ideologias de grupos socialmente organizado, situados em tempos e espaços específicos, que se constroem historicamente através da realidade material e espiritual, resultante das complexas relações entre singular-particular-universal:

“[...] a cultura tem como base material o nível das forças produtivas e o modo de produção. Mergulha as suas raízes no húmus da realidade material do meio em que se desenvolve e reflete a natureza orgânica da sociedade, podendo ser mais ou menos influenciada por fatores externos” (CABRAL, 1980, p. 58).

A literatura, enquanto produto do trabalho humano, é um construto histórico-social que precisa ser apropriado por cada indivíduo ao longo de sua existência. No entanto, a totalidade da cultura e da literatura, constituintes do que é universal ao gênero humano, não está igualmente disponível e acessível a todos os indivíduos porque, afinal, construiu-se historicamente como corolário de classe. No caso da língua francesa, essa elitização é ainda mais aparente, em muito pela criação de um imaginário em que o francês é colocado como sinônimo de alto nível cultural e intelectual. Se assim o é com a língua, tanto mais o é com a literatura:

Se pensamos no cenário brasileiro, em que uma aura de “nobreza” e “refinamento” foi fortemente ligada à língua francesa, podemos verificar um processo de afunilamento. Comparativamente a outros idiomas, poucos estudantes procuram o francês e menos ainda chegarão aos níveis finais dos cursos, serão os membros desse restrito grupo que terão contato com a literatura em língua francesa. A crença do francês como língua refinada, de cultura (de uma cultura específica), *chic*, não é uma exceção brasileira e nem surge por acaso, os próprios franceses, por meio de suas instituições, trataram de propagar seu pretensso caráter universal, ocultando suas reais intenções político-econômicas ao fazê-lo. (VICENTE, 2019, p. 17)

A abordagem intercultural, preconizada pelo PPC, constitui-se como um campo interdisciplinar recente e, aparentemente, como um desdobramento progressista do multiculturalismo – este, por sua vez, consiste em uma política cultural de *coexistência* de diversas culturas em um mesmo território fundamentada no reconhecimento e no respeito a todas as manifestações culturais. As diversas possibilidades de implementação do multiculturalismo figuram como ações afirmativas de diminuição da desigualdade social entre as minorias, mas que, no entanto, não passam de paliativos infecundos, pois sugerem uma solução para essas questões sociais totalmente descolada da realidade, ao tomar como causa outra coisa que não a estrutura da sociedade cujas desigualdades lhe são próprias e necessárias. O interculturalismo, por outro lado, pretendendo suprir as lacunas do multiculturalismo, idealiza não a coexistência de múltiplas culturas, mas a *interação* e a *integração* de todas elas, em uma perspectiva horizontalizante da diversidade:

No ensino de línguas estrangeiras, depois de ter tido um papel de destaque, sendo até mesmo a própria base do ensino de um idioma por servir como exemplo do “bem escrever”, a literatura perdeu lugar com o advento das metodologias mais focadas na comunicação e menos na gramática dos idiomas. Como uma espécie de busca de equilíbrio entre os modelos, o desenvolvimento de competência intercultural, de certa forma, resgata o interesse pela literatura em sala de aula de língua estrangeira. (VICENTE, 2019, p. 16)

Apesar da abordagem intercultural representar, a curto prazo, uma alternativa positiva de inclusão da diversidade em um contexto de formação acadêmica e intelectual, resgatando o interesse pela literatura ao propor leituras que dialoguem mais diretamente com a realidade do discente, o interculturalismo em si mesmo (assim como o multiculturalismo) é falacioso em sua gênese por reivindicar a solução das desigualdades sociais e culturais por um caminho impossível, pois pressupõe uma interação e integração entre culturas que não pode se realizar efetivamente sem a superação das tensões e contradições entre elas.. Da mesma forma, essa perspectiva aplicada ao PPC não oferece um caminho de superação efetivo do desequilíbrio entre as literaturas, muito embora seja importante reconhecer que é válida e que abre caminho para a construção de um conhecimento linguístico e cultural mais diverso.

Por outro lado, o currículo do curso de graduação em Língua Francesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília evidencia a centralidade dada à literatura francesa: das oito disciplinas de literatura em língua francesa oferecidas pelo Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL), cinco são de literatura francesa, denominadas *Literatura*

Francesa: Panorama, Crítica, Romance, Teatro e Poesia, e figuram como obrigatórias; as outras três são de literatura de expressão francesa, denominadas *Literatura de Língua Francesa 1, 2 e 3* que possuem, respectivamente, as seguintes ementas (anexo 2): "A literatura de língua francesa do Haiti, das Antilhas (Guiana) e do Quebeque do período colonial aos nossos dias; aspectos históricos e teóricos; movimentos emblemáticos e principais autores; intelectualidade e reflexão político social"³, "Literatura de expressão francesa no continente africano. Autores representativos. A 'negritude' e suas manifestações literárias", "Literatura belga. Literatura suíça. Literatura canadense de expressão francesa. Principais autores. Análise de obras representativas e características".

A nomenclatura adotada pelo PPC constitui um indício do eurocentrismo que o orienta, pois dicotomiza claramente as produções literárias em língua francesa da seguinte forma: *literatura francesa* correspondendo à literatura produzida na França e *literatura de língua francesa* correspondendo a todas as demais literaturas nesse idioma. Essa oposição cria duas classes distintas da literatura produzida em língua francesa, problemática que foi tema do manifesto *Pour une littérature monde en français*, publicado pelo jornal *Le Monde* em março de 2007. Assinado por escritoras e escritores de diferentes nacionalidades que produzem em francês, o texto propõe o fim da centralidade de uma literatura *franco-francesa* e o nascimento de uma *literatura-mundo em francês*, em detrimento de uma *literatura francófona*. O manifesto considera o caráter transcendental da língua com relação à nação e reivindica o reconhecimento da diversidade, colocando-se contra o imperialismo cultural:

Sejamos claros: a emergência de uma literatura-mundo em língua francesa conscientemente afirmada, aberta ao mundo, transnacional, assina o atestado de morte da francofonia. Ninguém fala *francofonês*, nem escreve em *francofonês*. A francofonia é a luz de uma estrela morta. Como o mundo poderia se preocupar com a língua de um país virtual? [...] Como ficar surpreso se persistimos em postular um vínculo carnal exclusivo entre a nação e a língua que expressaria o gênio singular, – já que, a rigor, a ideia de "francofonia" se dá como o último avatar do colonialismo?⁴ (*LE MONDE*, 2007 - tradução nossa)

³ "La littérature de langue française d'Haiti, des Antilles-Guyane et du Québec depuis la période coloniale jusqu'à nos jours ; rappels historiques et théoriques ; mouvements emblématiques et auteurs majeurs ; intellectualité et réflexion politico-sociale."

⁴ Soyons clairs : l'émergence d'une littérature-monde en langue française consciemment affirmée, ouverte sur le monde, transnationale, signe l'acte de décès de la francophonie. Personne ne parle le francophone, ni n'écrit en francophone. La francophonie est de la lumière d'étoile morte. Comment le monde pourrait-il se sentir concerné par la langue d'un pays virtuel ? [...] Comment s'en étonner si l'on s'obstine à postuler un lien charnel exclusif entre la nation et la langue qui en exprimerait le génie singulier - puisqu'en toute rigueur l'idée de "francofonia" se donne alors comme le dernier avatar du colonialisme ?

Sem a pretensão de aprofundar o debate acerca da francofonia institucionalizada, mas pelo entendimento de sua relevância, vale dizer que é imprescindível o questionamento da pretensão de restringir a língua francesa à cultura da nação francesa, uma vez que o idioma, ao ser disseminado por meio do colonialismo, tornou-se parte da identidade de outros povos e culturas, ainda que forçosamente. Assim como o português, o espanhol e o inglês diferenciaram-se substancialmente das nações das quais provém na formação cultural dos países e povos colonizados, o francês falado e escrito nas Américas, África e Ásia também conquistou sua autonomia linguística, literária e cultural com relação à metrópole sem que goze, no entanto, do prestígio do francês proveniente da república francesa:

mesmo que notemos que o reconhecimento aos autores de língua francesa para além dos franceses ou franco-franceses [...], os cursos de graduação em Letras parecem ainda não acompanhar tais movimentos, considerando como essenciais apenas as obras canônicas francesas. Não há como questionar que tal maneira de proceder, de forma mais ou menos consciente, ainda responde a uma visão eurocentrada formada pelo colonialismo e seus desdobramentos. Tais procedimentos provavelmente vão se refletir posteriormente na atuação em sala de aula, gerando uma aproximação com a cultura de maneira demasiadamente eurocêntrica, ou melhor, focada apenas na cultura francesa, geograficamente falando. Ainda que possamos problematizar se a literatura francesa é aquela produzida na França ou a de língua francesa, o cenário geral é que os chamados clássicos da literatura produzida na França predominam nos cursos Letras francês. Nota-se ainda que há demanda por parte dos estudantes brasileiros de encontro com literaturas outras que dialoguem com novas formas de se colocar e agir no mundo. (VICENTE, 2019, p. 25)

Dessa maneira, é problemática a colocação de políticas culturais dessa natureza, opressoras em última instância, como *última* manifestação monstruosa do imperialismo, uma vez que, sendo essa uma de suas faces não deve ser confundida com sua gênese, pois a opressão linguística e cultural é, tão somente, uma expressão – e não uma transfiguração – do imperialismo (como parece propor o manifesto), e não pode ser dele separada. No que tange às implicações ideológicas dessas políticas, o que se nota é que a cultura francesa de fato assume um protagonismo nos mediadores culturais de ensino da língua francesa, pois como aponta Vicente, o *status* da literatura proveniente da França no ensino da língua ainda é de destaque, em contradição com o avanço do debate sobre a diversidade de literaturas nesse idioma e mesmo com o que propõe o currículo de graduação aqui analisado.

É notável que o PPC prevê uma formação literária e cultural com maior abrangência ao colocar as literaturas para além da França no regime de obrigatórias-seletivas. Contudo, é

seguro afirmar que a postura do PPC ainda é eurocêntrica “ao apontar como essencial [– ou obrigatório –] apenas o conhecimento da literatura originária da França” (VICENTE, 2019, p. 80), o que se comprova pela assimetria de uma literatura com relação às outras: cerca de 300 horas-aula são obrigatoriamente dedicadas ao estudo da literatura francesa, enquanto apenas 60 horas-aula devem ser cumpridas, no bacharelado e em regime obrigatório-seletivo, em literaturas de fora da França. Esse fato demonstra a insuficiência de uma abordagem intercultural para a superação da centralidade da literatura francesa, bem como abre espaço para reflexões acerca da realidade objetiva que o enseja. Torna-se, então, oportuno verificar como essas questões são percebidas pelos discentes.

2.2. De retorno ao discurso

Segundo Volóchivov,

Na palavra se realizam inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se construíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106)

Nesse sentido, apesar das circunstâncias expostas até o momento, é perceptível, analisando-se os discursos dos discentes coletados na pesquisa de opinião (apêndice B), o estabelecimento de uma consciência avançada no que tange à importância de incorporar a diversidade da produção literária em língua francesa ao currículo de graduação. Ao serem questionados sobre sua percepção pessoal acerca do currículo proposto para a graduação, tendo em vista a diversidade existente, cinco discentes o avaliaram criticamente, cinco discentes o avaliaram positivamente, dois discentes fugiram ao contexto da pergunta e a um discente a pergunta não se aplicava – a integralidade dessas respostas encontra-se no Apêndice B. Das respostas com teor crítico, observa-se uma interessante convergência:

Eu penso que são poucas disciplinas levando em consideração o mundo de literaturas em língua francesa que existe [...]. (FADA)

[...] de fato, as literaturas obrigatórias são focadas apenas na França e se tivermos interesse em outros países francófonos precisamos procurar nas optativas. Concordo que é uma literatura extensa e diversa para compilar nas

obrigatórias, mas seria interessante explorar uma visão menos eurocêntrica. (LETICIA)

[...] acredito que são poucas para muito conteúdo. Acho que são muito compactadas e acabamos saindo com pouca noção da literatura de fato. (MADALENA)

São de extrema importância mas deveriam abordar, elencar mais conteúdos atuais, mais literatura contemporânea. (JULIANA)

A confluência do conteúdo nestes excertos se resume a um aspecto – a carência – cujas faces podem ser elencadas em duas: a centralidade da literatura proveniente da França e a quantidade reduzida de disciplinas ofertadas. Nota-se, pela análise dos depoimentos, a consciência de que a produção literária em língua francesa é demasiado extensa, o que impossibilitaria uma abordagem integral deste conteúdo durante a graduação – até porque, como coloca o professor coordenador Daniel Araújo, uma disciplina de graduação não é capaz de promover uma formação literária aprofundada, ao contrário: para adquirir um alto nível de conhecimento em literatura “é na verdade todo um percurso de dedicação de muito tempo... Às vezes a sementinha vai ser plantada na disciplina, vai te dar as bases para poder ir atrás de outras coisas. [...] tem essa questão de ser percurso e não ser curso”. Decerto que as disciplinas de graduação objetivam lançar as bases para um aprofundamento posterior e singular ao percurso pedagógico de cada discente, ainda assim é imperioso notar que as possibilidades de escolha podem ficar restritas se a diversidade não é satisfatoriamente contemplada. Também é plausível questionar a dificuldade de acesso, uma vez que o PPC aparenta atribuir às disciplinas optativas e obrigatórias-seletivas a função de aproximação do discente com as literaturas em língua francesa de fora da França.

A segunda pergunta consistia no seguinte: “Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?”. As porcentagens mostram que 100% dos discentes consideram a literatura africana relevante; 76,9% consideram a literatura francesa relevante; 61,5% dos discentes consideram a literatura americana (Haiti, Antilhas e Guiana) relevante; 53,8% consideram relevante a literatura europeia de fora da França (Bélgica, Suíça); 30,8% consideraram relevante a literatura americana (Canadá) e 7,7% consideram relevante a literatura asiática em língua francesa. Essas porcentagens parecem ser um reflexo do trabalho desenvolvido pela professora Maria da Glória Magalhães dos Reis, uma vez que uma parcela significativa de participantes da pesquisa de opinião fez parte, em algum momento da

graduação, do coletivo *En Classe et En Scène*. Essa pergunta deveria ser justificada pelos participantes, como vê-se a seguir:

Porque é um curso que deveria nos tornar especialistas em língua francesa, todas as literaturas acima são em língua francesa, logo torna-se óbvio o motivo pelo qual deveríamos estudar todas. (FADA)

[...] Todas citadas contém um peso histórico farto de acontecimentos, juntamente com uma carga literária extremamente relevante e com assuntos que são discutidos atualmente. (MAY)

Pela relação da história sobre a colonização da França nesses países e continentes e sua importância no contexto de visibilidade de literaturas francófonas. (LORE)

As literaturas da Américas e da África saem do padrão europeu. São pertinentes quando falam dos problemas causados pela colonização e também esse outro lado da história que é contada como superior. (IASMIN)

Acho importante a visão dos colonizados no processo de construção da identidade de uma língua colonizadora. (LEO)

As justificativas apresentadas demonstram um olhar crítico com relação ao ensino da língua francesa e das literaturas produzidas nesse idioma e parecem bastante significativas por, pelo menos, duas razões: em primeiro lugar, porque apontam para uma tomada de consciência relativamente aos processos históricos que buscaram ocidentalizar, por meio das línguas e das culturas, todos os continentes; e, em segundo lugar, porque o reconhecimento de que as literaturas provenientes de países que sofreram processos colonizatórios é inteiramente diversa e relevante para a construção do conhecimento linguístico e cultural do aprendiz.

Pelas justificativas apresentadas pelos discentes, é manifesto o interesse em conhecer outras literaturas em língua francesa, não somente pela incontestabilidade de que se a graduação pretende formar profissionais em língua e literatura francesas, é indispensável que se estude a maior quantidade possível de conteúdo literário do qual a língua francesa é parte integrante. Mas também pelo discernimento do valor incontestável da produção literária de países colonizados, precisamente por se tratarem de indivíduos que fazem parte de uma sociedade com uma dimensão própria dessa problemática. Isso permite compreender que essas literaturas potencialmente tragam temas e construções poéticas que vão ao encontro da realidade desses estudantes.

Sendo o valor universal das culturas periféricas um fato inquestionável, não há como justificar a perpetuação do estudo de uma em detrimento de outra. Dessa forma, torna-se

propício estudar uma alternativa emancipadora que propõe não só uma metodologia moderna para o ensino do francês, mas também o trabalho com produções literárias provenientes de outras realidades, aliás muito mais próximas da realidade dos discentes abrangidos pelo PPC, proporcionando um interessante e significativo diálogo no ambiente de aprendizado.

3. Capítulo III: Estudo de caso: *En Classe et En Scène*

Segundo Vigotski, na aquisição de uma língua estrangeira,

desenvolvem-se antes as propriedades superiores e complexas da fala, vinculadas à tomada de consciência e à intenção, e só mais tarde surgem as propriedades elementares vinculadas ao emprego livre e espontâneo da linguagem alheia. (VIGOTSKI, 2001, p. 352)

Ora, se o caminho percorrido pelo aprendiz de língua estrangeira começa "pela tomada de consciência da língua e por seu aprendizado arbitrário" (VIGOTSKI, 2001, p. 354), é evidente que a escolha dos mediadores culturais é fundamental no contexto de ensino e aprendizado e podem direcionar o aprendiz a diferentes reflexões. A assimilação dos elementos próprios à língua-cultura em aprendizado depende, então, de um esforço intencional – o qual é fruto de assistência e orientação externos com o potencial de nortear os processos reflexivos que culminarão "numa linguagem livre e espontânea" (VIGOTSKI, 2001, p. 354). É nesse sentido que o texto literário passa a ser uma ferramenta decisiva na formação dos aprendizes: do ponto de vista linguístico, o texto estético possibilita um ambiente que privilegia o contato com estruturas linguísticas e gramaticais que permitem expandir o vocabulário ao reunir construções linguísticas que aparecem de forma muito particular na composição de um texto poético.

No que tange ao texto dramático, é importante considerar que este não é um gênero comumente escolhido por leitores que não estejam a ele habituados. Apesar de este ter sido um gênero fortemente popular no passado, o texto dramático, hoje, parece ter adquirido um distanciamento da escolha como leitura. Algumas hipóteses podem ser levantadas para compreender esse fato. Trata-se de um gênero literário com estrutura peculiar, normalmente seguindo uma estrutura composicional que consiste em paratexto (título, designação das personagens, didascálias) e texto propriamente dito (atos, cenas, réplicas) – diferentemente de construções em prosa, por exemplo, que apresentam ao leitor um universo muito mais completo ou acabado. Ou seja, o texto teatral possui uma característica que lhe é ínsita: de natureza lacunar, posto que é escrito para ser encenado, esse tipo de construção literária demanda do leitor um alto grau imaginativo para criar e preencher os sentidos propostos pelo texto. O exercício de leitura do texto dramático exige, então, que o leitor entre no jogo dramático e interprete as vozes das diferentes personagens, podendo ser fortemente influenciado por seu meio, emoções e visão de mundo – neste aspecto o texto dramático

admite múltiplas interpretações. De certa forma, a leitura do texto dramático faz com que o leitor opere de maneira a lhe conferir forma e preenchimento. No entanto, nesse exercício o leitor parece situar-se entre o ator e o espectador pois, do primeiro, o leitor assume a função de construção do significado e, do segundo, a função de assimilação e reflexão. É por isso que o texto dramático só performa toda a sua potencialidade ao ser encenado, pois assim extrapola a dimensão da leitura, possibilitando outros efeitos.

O coletivo *En Classe et En Scène* é um projeto idealizado e coordenado pela professora Maria da Glória Magalhães dos Reis. O grupo está vinculado à Universidade de Brasília, na condição de Curso de Extensão, sendo promovido pelo Instituto de Letras com o apoio e gerenciamento do Decanato de Extensão. Sendo a extensão um dos pilares da Universidade de Brasília, os projetos desenvolvidos pela comunidade universitária nesse âmbito permitem a prática do aprendizado teórico, bem como a integralização entre a comunidade universitária e a comunidade local, democratizando a produção acadêmica e científica, tornando-a acessível e relevante para a sociedade: cumprindo, assim, a principal finalidade da universidade. O projeto em questão estrutura-se pedagogicamente de maneira a promover o desenvolvimento de uma comunicação real em francês fundamentada em uma construção coletiva através da mobilização do corpo e da voz, possibilitando o encontro de subjetividades por meio da leitura, reflexão e interpretação teatral de textos estéticos.

As atividades desenvolvidas pelo coletivo já deram origem a mais de uma dezena de trabalhos acadêmicos nos mais diversos níveis: de artigos de iniciação científica a teses de doutorado, o *En Classe et En Scène* tem se consolidado, dentro da Universidade de Brasília, como um exemplo próspero de interdisciplinaridade que se projeta, também, para fora dos muros da universidade, indo de encontro à sociedade e contribuindo para seu desenvolvimento através da construção científica do conhecimento.

Completando dez anos de atividade em 2020, o coletivo já apresentou diversas peças de teatro em mais de três línguas (francês, português, japonês e Libras). Um aspecto de destaque é que, no âmbito da língua francesa, o coletivo opta por trabalhar predominantemente com a produção literária de autores africanos como Gustave Akakpo, Léonora Miano e Kossi Efoi. As montagens do coletivo são tradicionalmente apresentadas em escolas públicas, auditórios e teatros espalhados pelo Distrito Federal, bem como na própria Universidade de Brasília contando com a presença de público externo não só na condição de espectador, mas também como integrante do coletivo:

Trabalhar coletivamente e em colaboração com estudantes e pessoas de nossas comunidades do Distrito Federal, sobre textos relacionados a problemas de nossa sociedade atual, como guerras, violência, ataques contra a humanidade em geral, pode despertar o desejo de transformação, incitar a uma vontade de mudança em direção a uma sociedade na qual a alteridade e a pluralidade sejam colocadas em primeiro plano. (MAGALHÃES DOS REIS, *no prelo*)

O trabalho com o texto teatral em um contexto de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira é interessante e pode ser abordado por pelo menos duas perspectivas: uma linguística, outra cultural. Do ponto de vista literário e diferentemente do gênero romance – concebido para uma leitura silenciosa e solitária –, por exemplo, o texto dramático pressupõe a oralização que requer, do leitor (e, no contexto, do aprendiz), a totalidade das competências envolvidas na aquisição de uma língua estrangeira. Isso quer dizer que o aprendiz de língua estrangeira, ao se deparar com o texto teatral, será instigado a oralizar, a explorar as nuances de entonação, de ritmo, bem como exercitar uma compreensão ativa e profunda do texto, para que seja capaz de comunicar por meio da voz, das expressões e do gesto o conteúdo apreendido durante a leitura. O trabalho com o texto dramático favorece ainda um outro fator indispensável para a prática e desenvolvimento de uma língua: a interação. É natural à composição desse gênero a presença de múltiplas vozes, propiciando, no contexto de ensino e aprendizagem, um ambiente de diálogo, trocas e construção coletiva, estimulando e trabalhando a autonomia (a nível individual) e a construção coletiva (a nível social).

Relativamente à dimensão linguística, nas respostas ao questionário virtual (apêndice B) os estudantes relataram uma melhora significativa nas competências almejadas no âmbito do aprendizado de uma língua estrangeira:

Conseguí trabalhar a entonação no francês, aprender sobre texto teatral e conhecer um pouco sobre a literatura africana. [...] O vocabulário se expande por meio das leituras e a pronúncia/entonação/ritmo são praticados nos exercícios cênicos. (LETICIA)

No que diz respeito ao conhecimento linguístico, é de grande relevância pois me ajudou na entonação da língua, a compreender melhor certas estruturas gramaticais e etc. (MARIA)

O coletivo me proporcionou a experiência de projetar a fala em língua estrangeira, tornando[-]a mais fluida e segura. (JOY)

Essas colocações indicam uma contribuição muito positiva das atividades do coletivo para o desenvolvimento das competências em língua estrangeira. Nesses excertos, todas as respostas destacam a oralização e algumas citam competências gramaticais e lexicais.

Em sua obra *Enseigner la prononciation du français : questions et outils* (2007), Bertrand Lauret distingue, de forma geral, três principais domínios linguísticos que se relacionam a competências de diferentes naturezas. Segundo o autor, o vocabulário está ligado principalmente à memorização; a gramática, à organização das palavras em uma frase; e a pronúncia, à performance física (LAURET, 2007, p. 14). Lauret defende, ainda, que esses três domínios correspondem a maneiras de ensinar e aprender bastante diferentes. Diferentemente do processo de aquisição da língua materna, em que falantes e ouvintes desenvolvem primeiro a competência oral, é muito comum que para o aprendiz de língua estrangeira a pronúncia seja a última e mais problemática competência desenvolvida.

Segundo Lauret, “ser pego por um erro de gramática ou por um erro de pronúncia não toca, frequentemente, a pessoa da mesma maneira: a correção de pronúncia parece ser mais ‘pessoal’⁵” (LAURET, 2007, p. 15 - tradução nossa). Ao contrário do vocabulário ou da gramática, a pronúncia é uma competência que se relaciona diretamente à pessoa, sua personalidade e sua autoimagem. Segundo Lauret, oralizar em uma língua estrangeira demanda – entre outras coisas – capacidades vocais, atenção auditiva, motivação e o prazer de oralizar: “é, talvez, por essas razões que a fonética constitui um campo lacunar no ensino⁶” (LAURET, 2007, p. 16 - tradução nossa). Diversos fatores de ordem metodológica e individual podem ser apontados como causadores dessa lacuna no ensino de línguas estrangeiras, com um mesmo denominador comum: frustração, desmotivação e, não raro, evasão.

O trabalho com o texto dramático surge, então, como uma possibilidade libertadora da fala. No entanto, é na associação entre o *texto* e a *prática* teatral que se encontra uma das grandes contribuições do *En Classe et En Scène* em um contexto de ensino-aprendizagem: ao proporcionar um ambiente amigável e democrático (pois a contribuição de todos é essencial, mas não é imposta), a prática teatral estimula e encoraja a oralização, a criatividade, a expressão por meio da voz e do corpo, possibilitando um descobrimento do real *prazer de*

⁵ “Se faire reprendre pour une erreur de grammaire ou pour une erreur de prononciation ne touche souvent pas la personne de la même manière : la remarque sur la prononciation peut sembler plus ‘personnelle’.”

⁶ C’est peut-être pour ces raisons que la phonétique constitue un domaine aussi inaccompli dans l’enseignement.”

oralizar o francês. Dessa forma, é possível ao discente a superação de uma postura inibida e insegura em direção a uma pronúncia confiante, desenvolta e autônoma:

[...] Eu tinha muita vergonha de falar em francês com outras pessoas e o projeto me ajudou muito nisso, além disso, aprendi muito sobre literatura/gramática/pronúncia de uma maneira descontraída, didática e divertida. (FADA)

Para além dos aspectos que concernem à aquisição da língua estrangeira, o trabalho com teatro pode suscitar o desenvolvimento de um pensamento crítico. O dramaturgo e teórico Augusto Boal sustenta que “o espaço estético é um espelho de aumento que revela comportamentos dissimulados, inconscientes ou ocultos” (BOAL, 2017, p. 25). O texto e a prática teatrais são, então, potências que captam prismas da realidade que podem passar despercebidos no cotidiano mas que, nessa esfera do discurso, são evidenciados pela comicidade, pelo drama, pelo trágico. Assim, do ponto de vista reflexivo, o texto teatral é capaz de sensibilizar e, com isso, mudar a percepção sobre diferentes aspectos da realidade:

Esse processo de viver e tomar parte do diálogo por meio corpo, olhos, mãos, criatividade, em nossa experiência com as práticas teatrais [...] podem engajar os educandos em todo o seu ser e não apenas no aspecto racional e intelectual. Podem, ainda, desencadear reflexões e ações em relação às temáticas abordadas, questões sociais da contemporaneidade que nos interpelam [...] (MAGALHÃES DOS REIS, 2016. p. 293-294)

O coletivo *En Classe et En Scène*, adota uma abordagem emancipadora do ensino pois vislumbra o “educando como um ser social e histórico e que na coletividade, em suas atividades práticas comuns intermediadas pela linguagem se desenvolve como sujeito” (MAGALHÃES DOS REIS, 2016, p. 289). Além desse princípio norteador fundamental, o projeto pretende inserir o discente em um “processo de viver e tomar parte do diálogo por meio do corpo, olhos, mãos, criatividade” (MAGALHÃES DOS REIS, 2016, p. 293) a fim de desenvolver diferentes aspectos cognitivos.

A montagem e a encenação proporcionam uma experiência do texto teatral totalmente diferente da leitura em voz alta – ainda que em um contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira, ela já apresente aspectos bastante positivos –, pois permitem ao discente a articulação das palavras, o aprofundamento da compreensão, a possibilidade de trabalhar criativa e coletivamente a construção de sentido etc. Assim, a proposta do coletivo *En Classe et En Scène* é, precisamente, aliar diferentes dimensões do ensino através da prática e do

trabalho com o texto teatral: dos aspectos linguísticos ao desenvolvimento do pensamento crítico, passando pela expressão oral, corporal e escrita, buscando abranger múltiplos enfoques da formação crítica, intelectual e criativa dos discentes.

Considerando que textos dramáticos de regiões que produzem literatura em língua francesa predominam no escopo do *En Classe et En Scène*, a última pergunta do questionário consistia no seguinte: “Como você descreveria a relevância de participar das atividades do *En Classe et En Scène* em sua formação linguística e cultural?”:

Acho que foi fundamental para a ideia de decolonialização, e compreensão da língua francesa em outras culturas e movimentos contemporâneos. (MADALENA)

Foi uma maneira extremamente rica de me aprofundar na literatura francesa, além de compreender problemáticas e denúncias sociais presentes nos textos, o que me faz ter potencialidade de trabalhar temas africanos em sala de aula. (LORE)

Essencial, o coletivo ampliou minha visão sobre a língua francesa e literatura. Além de desenvolvimento pessoal, pela prática do teatro e do contato humano. (JOY)

Essas declarações evidenciam a importância do coletivo no percurso de formação cultural e linguística a partir do trabalho e da fruição do texto estético adotadas pelo coletivo, demonstrando que as atividades do *En Classe et En Scène* representam uma oportunidade ímpar de aprofundamento dos conhecimentos esperados de um profissional de Letras Francês. Isso porque, além de aprimorar as competências em língua estrangeira, a experiência de participação no coletivo permitiu aos discentes um vislumbre de outras possibilidades e caminhos que podem resultar em uma formação mais ampla de outros aprendizes (no caso da formação de professores, como destaca o segundo excerto acima) ou mesmo em proficuas linhas de pesquisa em literatura ou educação – como mostram os depoimentos aqui apresentados e também o histórico de participantes do *En Classe et En Scène*.

Dessa forma, é possível afirmar que o coletivo representa uma alternativa de aperfeiçoamento da prática de ensino dentro da universidade, bem como oferece uma experiência que pode contribuir para um considerável avanço do currículo proposto para a graduação em Língua Francesa e Respectiva Literatura, visando um salto significativo no desempenho linguístico do discente, uma maior abrangência da diversidade literária produzida em francês e, ao mesmo tempo, uma maior adequação às justificativas e objetivos propostos

pelo Projeto Pedagógico de Curso em consonância com o progresso dos debates que o concernem.

Considerações finais

Com efeito, quanto mais o homem livre que pensa se imbuí da realidade trágica do subdesenvolvimento, mais ele se imbuí da aspiração revolucionária.

(Antonio Candido)

A literatura, em todo seu profundo significado e relacionamento com a natureza humana, refletindo-a e transformando-a, parece estar sempre a colocar questões fundamentais diante do ser humano – também assim a literatura fez surgir o tema da presente monografia. Nos diversos percursos trilhados pela vida e pela graduação, foi possível a percepção de que o imperialismo se atualiza implacavelmente para alienar e explorar as sociedades subalternas. A dureza do tema, no entanto, não poderia furtar-se a uma dimensão de sensibilidade, porquanto se debruça sobre uma das mais altas e elaboradas manifestações humanas. Aqui cumpriu a literatura seu papel humanizante, permitindo uma contribuição que visa tão somente um passo à frente, um passo que torne mais próximo o sonho de uma educação emancipadora que reconheça o valor inerente a todo trabalho humano.

Partindo dessa reflexão, buscou-se reunir bibliografias atuais em diálogo com outras, já estabelecidas, que pudessem contribuir para o entendimento das questões propostas no que tange ao ensino e aprendizagem do francês como língua estrangeira, especialmente por meio da literatura, tendo como base o Plano Pedagógico de Curso (PPC) do bacharelado em língua e literatura francesas da Universidade de Brasília. Inicialmente, o projeto de pesquisa pretendia analisar o PPC das duas habilitações em Letras Francês (licenciatura e bacharelado), bem como abranger um grupo maior de discentes e docentes na pesquisa de opinião e entrevista, respectivamente. No entanto, não foi possível ter acesso ao PPC da licenciatura, haja vista não terem sido encontrados registros de um documento curricular específico para essa habilitação. Essa e outras adversidades acabaram impedindo um estudo mais amplo do ensino de literatura do curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura, ainda que existam diversas questões a serem colocadas e discutidas neste âmbito. Dessa maneira, o objeto de estudo acabou sendo reduzido a examinar apenas o PPC do bacharelado, implicando, também, em uma restrição dos dados coletados no questionário (apêndice B) e na entrevista (apêndice A).

Dividido em três capítulos, este trabalho de conclusão de curso buscou promover uma discussão que contribuísse para uma crítica da literatura no ensino do francês como língua estrangeira. No primeiro capítulo, foi proposta uma reflexão a respeito da natureza da literatura; em seguida, apresenta-se uma problemática que se associa ao tema da pesquisa: o subdesenvolvimento e suas implicações no âmbito da literatura e do ensino. Compreendendo esse aspecto como um desdobramento do colonialismo, o subdesenvolvimento se manifesta como consequência do imperialismo que perpetua a dependência econômica e cultural de países da periferia, por meio da imposição de barreiras ideológicas, materiais e políticas, promovendo a assimilação cultural. Tendo essa argumentação como norte, o capítulo se encerra evidenciando a convergência entre as questões históricas, sociais e políticas colocadas e o objeto de pesquisa, a fim de introduzi-lo.

No segundo capítulo, tem-se o Projeto Pedagógico de Curso em foco a fim de observar o que é alvitado nesse documento e de que forma essas proposições se concretizam. Para fins dessa verificação, somou-se à discussão teórica os depoimentos de estudantes e do professor coordenador do bacharelado. Os objetivos, justificativas e perspectivas do PPC são colocados em debate com concepções anticoloniais e a conclusão é a de que o currículo de graduação ainda é eurocêntrico por colocar como substancial e, pragmaticamente, como obrigatório, apenas as disciplinas que tratam da literatura francesa de maneira que o PPC não atende de modo efetivo às suas próprias proposições – refletindo as políticas de difusão da língua francesa que pretendem promover não a diversidade cultural atinente a esse idioma, mas a cultura proveniente da França. Apesar disso, reconheceu-se que apesar das deficiências apontadas reproduzem ideologias provenientes do imperialismo que intervêm inexoravelmente na realidade, ainda se verificam perspectivas emancipadoras do ensino no ambiente universitário.

Exemplo disso é o estudo de caso apresentado no terceiro capítulo. O levantamento das contribuições do projeto de extensão *En Classe et En Scène* no âmbito do ensino do francês como língua estrangeira demonstrou que ele tem se estabelecido como uma alternativa emancipadora de ensino, por possibilitar uma experiência de aprendizado que explora as potencialidades do texto dramático, da prática teatral e da coletividade. A relevância dessa abordagem se verifica nos depoimentos de discentes que participaram das atividades do coletivo. Além disso, é nítido o esforço de resgate da fruição e do trabalho com o do texto estético de escritores majoritariamente africanos de expressão francesa, proporcionando uma maior abrangência da diversidade cultural que a língua francesa pode trazer.

A pesquisa teve como objetivo central contribuir para a reflexão acerca de temas contemporâneos que interpelam discentes e docentes no âmbito do ensino de francês. Tendo em vista o caráter amplo deste estudo, é importante ressaltar que a presente monografia constitui um recorte da problemática que não teve a pretensão de esgotar o debate. Ao contrário – as questões aqui suscitadas tencionam fornecer elementos que permitam um aprofundamento da compreensão sobre a diversidade e o papel da literatura, bem como a relevância destes aspectos no processo de ensino e aprendizagem do francês como língua estrangeira, considerando as diversas implicações e desdobramentos que podem ser investigados em outras pesquisas a partir dessa óptica.

Policarpo Quaresma, célebre personagem da literatura brasileira, diz em certa passagem que “[sonhar] consola, talvez; mas faz-nos também diferentes dos outros, cava abismos entre os homens...” (BARRETO, 1983, p. 44) – o sonho de revolucionar a realidade tem cavado abismos entre aqueles que desejam a perpetuação da opressão e da exploração e aqueles que lutam pela emancipação humana. Sonhar é preciso. Ainda que circunstâncias objetivas tenham o poder de condicionar e limitar a ação, elas jamais serão maiores e mais fortes do que o anseio pela liberdade. Só uma análise clara e objetiva da realidade é capaz de imbuir os povos relegados da aspiração revolucionária que nos fala Candido: aquela que rejeita o jugo econômico, político, ideológico e cultural; a única capaz de modificar as estruturas internas de sociedades que reproduzem e alimentam essas tensões e contradições, pois somente em uma sociedade igualitária as produções literárias (e todo o mais) poderão existir sem fronteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Lima. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo : Ática, 1983.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo : Editora 34, 2019.
- CABRAL, Amílcar. A cultura nacional. In : _____. **A arma da teoria**. Rio de Janeiro : Codecri, 1980. p. 53-92
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In : _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In : _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191
- CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **A linguagem escravizada**: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- COSTA, Frederico; ALVES, Maria da Penha Nunes; SALES, Suiane Kelly dos Santos. **Elementos da concepção marxista do homem**. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE – Itaperi.
- FANON, Frantz. **Racismo e cultura**. Revista Convergência Crítica, n. 13, p. 78-90, 2018.
- FANON, Frantz. O negro e a linguagem. In : _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador : EDUFBA, 2008. p.33-51
- LAURET, BERTRAND. **Enseigner la prononciation du français** : questions et outils. Paris: Hachette, 2007.
- MAGALHÃES DOS REIS, Maria da Glória. **Literatura e ensino**: uma abordagem por meio das práticas teatrais. Revista Cerrados (Brasília. Online) , v. 25, p. 283-301, 2016.
- MAGALHÃES DOS REIS, Maria da Glória (Org.). **Na classe e em cena**: 10 anos do coletivo. São Paulo: Pontes, 2021. No prelo.
- PINHEIRO MARIZ, Josilene. **O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)**. Tese (doutorado em Letras) – Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 284. 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. 1845. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000081.pdf>>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. **Projeto Pedagógico do Curso de Letras - Bacharelado em Língua e Literatura Francesas.**

POUR une littérature-monde en français. **Le Monde**. 16 de março de 2007. Disponível em <https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html>. Acesso em 17 de nov. de 2020.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo : Atlas, 1987.

VICENTE, João. **Femininas Áfricas** : narrativas de escritoras africanas contemporâneas e o ensino de literatura em língua francesa. Tese (doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. Brasília, p. 316. 2019.

VIGOTSKI, L. S. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. In : **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

APÊNDICE A - Entrevista transcrita

ENTREVISTA COM O PROFESSOR COORDENADOR

Arquivo A1 - Tempo de gravação: 1h, 4 min e 24 seg

Realizada em 5 de outubro de 2020

Identificação: Daniel Teixeira da Costa Araujo (D.T.C.A.)

Pergunta 1 - Na condição de pessoa pertencente à comunidade falante de francês, como a literatura em língua francesa contribuiu para a construção do seu conhecimento linguístico e cultural?

D.T.C.A.: Na verdade, eu comecei a estudar o francês justamente pela leitura. Meu interesse maior era a leitura. Minha graduação é em português, não é em francês... Então, na biblioteca da UFMG, eu sabia que tinha muitas obras em francês ou traduzidas em francês e, para as disciplinas, às vezes precisava tirar xerox e eu fui percebendo isso, então, procurei aprender o francês... Também foi sugestão de um professor que a gente aprendesse uma segunda língua, né, e o francês era uma fonte de leitura muito boa. E logo, sei lá, com três, quatro semestres de francês, eu comecei a ir atrás de leituras, para não ter que pagar pelo xerox. Então, muitas vezes eu chegava na biblioteca e os livros em português já estavam emprestados, então eu ia para os livros em francês e depois, aí, foi outro percurso... [...] Então seria o aspecto cultural e linguístico... Linguístico é incontestável. Contribuiu muito porque... Pessoalmente, eu adquirei vocabulário em muito a partir da leitura. Eu preciso ver a palavra escrita, ou pelo menos imaginar a ortografia da palavra, para poder reter uma palavra nova que me apareça, vamos dizer assim. Então a leitura, para mim, é uma fonte muito boa. Tem o fato, também, de que a gente vê as palavras em contexto, né? Então, nem sempre é uma palavra isolada que a gente procura o sentido no dicionário. Então, nesse sentido linguístico, eu acho que é fundamental, foi fundamental... [...] Então, nesse sentido eu acho que é fundamental e tem uma outra coisa que eu acho da literatura em termos também de aquisição de aquisição de vocabulário e estruturas linguísticas... Porque a literatura é um texto autêntico, né? Como a gente fala na didática do ensino de francês. Então não é um texto construído para o aprendiz de língua... Então ele pega aquilo que seria fornecido para um nativo ou uma pessoa que domina a língua. Então a gente já vê a língua em uso. E uma outra coisa também, nessas minhas primeiras aventuras em ler textos em francês... Foi muito interessante também perceber estruturas linguísticas que eu estudava nas aulas de gramática em uso nos textos que eu estava lendo. Então as coisas foram se unindo linguisticamente dessa forma... Em termos culturais também têm isso, porque... Desculpa, ainda voltando para termos linguísticos... Eu ia falar da literatura. Mais uma coisa: além das estruturas linguísticas, sintáticas, gramaticais em uso, um outro aspecto que eu acho interessante é que não é um vocabulário necessariamente fechado dentro de um mesmo domínio, vamos dizer assim... Porque se você pega um texto jornalístico, de ciências ou economia, você vai estar dentro de um vocabulário

de economia. A literatura, como fala de muitas coisas diferentes dentro de um mesmo romance, a gente acaba tendo contato com um vocabulário muito vasto. E, muitas vezes, vocabulários muito específicos... Se a gente pega, as vezes, descrições realistas, de romances realistas... Elas são muito específicas para fazer uma descrição, por exemplo, de uma sala. Então, nesse sentido, a gente acaba também adquirindo vocabulário... Às vezes não tem muita utilidade, para além do romance, né? São palavras às vezes tão específicas, que não têm muito uso fora dali... Em termos culturais, até estava falando há pouco de didática do ensino de francês... O intercultural é sempre, hoje em dia, tema de concursos para a área de francês, fala muito disso. A literatura acaba sendo uma porta de entrada para um construto cultural, social, etc. Então a gente acaba aprendendo muito sobre, também, a forma de pensar, de agir e sobre estruturas sociais do outro país... Ou dos outros países, como você disse, né, “em língua francesa”, isso... É porque quando a gente pensa em disciplinas como a de América, como a que você fez comigo, acho que fica um pouco mais fácil perceber esse outro cultural... que é um pouco mais exótico pra gente. Quando a gente lida com a literatura francesa, vamos dizer assim, a França metrópole, a gente ainda olha pra essa literatura como uma transmissão, sabe? A gente ainda numa postura um pouco colonial, recebendo alguma coisa do colonizador... Até recentemente eu estava vendo uma entrevista ou palestra com o João César de Castro Rocha, que é professor da UERJ no Rio, e ele estava falando que o intelectual no Brasil ele... Ele usou uma expressão, eu não lembro exatamente o que era, mas era alguma coisa assim “um título aduaneiro”... A gente trabalha com a importação. A gente pega as teorias de fora e traz pra cá. Então a função do intelectual brasileiro - ele falou isso criticamente, ele não estava endossando isso - mas a função do intelectual brasileiro era quase que ser responsável por trazer aquilo que é produzido fora, em termos de pensamento, pra cá, e aí tenta aplicar aqui de alguma forma. Então, aí, isso é uma questão que eu estou colocando... Não tenho resposta clara para isso. Quando a gente olha para literaturas africanas ou das Américas, eu tenho a impressão de que a gente olha um pouco ainda com traços de exotismo, então consegue encontrar naquilo ali a forma de uma cultura diferente que a gente possa aprender um pouco mais delas. Enquanto que da literatura francesa, muitas vezes eu tenho a impressão de que a gente tende a assimilar como uma transmissão de lá pra cá um pouco sem... Um pouco acriticamente, eu diria. Isso até pensando em diversos momentos da história em que a gente simplesmente recebeu as influências estéticas de lá. Então se a gente pensa o século XIX todo, os movimentos aqui acontecem com certo atraso porque é o tempo de vir de lá pra cá. O Modernismo, a mesma coisa: a gente tem a Semana de 22 aqui, sendo que essas vanguardas já estavam acontecendo lá desde o início, na primeira década do século... Ali, depois de 1910 também, mas vai chegar aqui com força no início dos anos 20. Então tem um atraso aí de uns dez anos. Pra tentar resumir, eu diria: na minha experiência pessoal, linguisticamente é incontestável o valor da literatura e em termos culturais também porque é sempre um encontro com o outro. [...] Esse encontro com o outro, ele pode se dar vendo o outro como exótico e como colonizador também que tem algo pra trazer pra gente. Acho que a literatura sempre, pra resumir, acho que ela daria um contato com esse outro - pouco importa como a gente o vê: se como colonizador, como alguém detentor de saber ou como alguém exótico... Isso eu estou falando com um pouco de impressão, mas é claro que, criticamente, tanto as literaturas de língua francesa africanas, quanto das Américas, quanto da Europa de maneira

geral... Todas elas nos proporcionam esse encontro com uma cultura diferente, com uma sociedade diferente, com valores diferentes.

Pesquisadora: O senhor mencionou o exótico para se referir à literatura de fora da França. Por quê?

D.T.C.A.: O conceito de exótico, em si, é um pouco pejorativo. Isso quer dizer que a gente olha o outro com uma certa curiosidade, mas de uma postura um pouco acima. Por isso que eu estou dizendo... Criticamente, eu sou contra essa opinião de olhar a literatura francesa das Antilhas, do Quebeque, como uma literatura exótica. Mas lá atrás isso foi visto um pouco dessa forma. [...] De certa forma, na disciplina de Américas, o Dany Laferrière, por exemplo, ele mostra um pouco isso: como ele é visto como esse exótico, o diferente... O problema desse exótico é que ele tende a objetificar o outro de alguma forma, a animalizar o outro de alguma forma... Por isso que tem um pouco esse aspecto da curiosidade, né? Basta a gente voltar lá atrás e ver... Eu não lembro agora se são os Belgas, que começaram a expor pessoas em espécies de zoológicos humanos que estavam ali para ser observados dessa forma. Então, o conceito de exotismo, o exótico, ele carrega um traço cultural pejorativo. Eu usei, mas para chamar atenção para isso. E chamar atenção também para o fato de que nós, brasileiros, enquanto consumidores de literaturas estrangeiras em língua francesa, a gente também... A elite brasileira traz um pouco ainda esse traço, que a gente fala muitas vezes que o Brasil vive de costas para a América e virado para a Europa e também pros Estados Unidos. Então a gente se identifica com eles, de alguma forma, enquanto... Basta ver o tuíte recente do Artur Weintraub, irmão do Abraham Weintraub, que falou que estava nos Estados Unidos e que um latino disse pra ele alguma coisa - como se ele, sendo brasileiro, ele não fosse latino. Então existe um pouco... Por isso que eu falo... Acho que eles, Europa, olham pra gente de maneira exótica, acho que a gente às vezes tende a reproduzir isso olhando pra outros, porque a gente quer se identificar com a Europa, com os Estados Unidos, e esquece, de certo modo, do que está mais próximo da gente. Porque, para eles, nós somos muito mais próximos daquilo que a gente renega, do que deles. Eu acho que é interessante também, só um outro exemplo: no Bacurau tem uma cena assim, daqueles dois brasileiros que estão de moto e chegam em um vilarejo e depois eles estão lá com os estrangeiros que vieram aqui para participar do jogo matando pessoas, eles falam alguma coisa assim “porque nós...” e aí um dos caras estrangeiros fala “nós quem? olha o nariz dela...”. Então, assim, acho que a gente tende a se identificar com eles, assumindo essa posição um pouco eurocêntrica... É claro que isso, de um tempo pra cá, vem mudando: a gente tem os estudos culturais, por exemplo, que já vem dos anos 80 pra cá, os estudos pós-coloniais... Então isso vem sendo retrabalhado. Mas existe, ainda, vamos dizer assim, um certo ranço, eu acho, nesse sentido, de nós também aqui enxergarmos essa literatura de maneira exótica. [...] Sendo que, às vezes, o tipo de paisagem, o tipo de memória afetiva que ele [Dany Laferrière] traz, por exemplo, do Haiti, pode ser muito mais próximo de nós, do Brasil, do que a Madeleine do Proust, por exemplo... Mas a gente vai sempre olhar pro Proust com uma certa familiaridade, olhando pro Dany Laferrière como uma coisa um pouco mais estranha, diferente, um pouco exótica. Acho que é isso.

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura em língua francesa da graduação?

D.T.C.A.: Conhecendo alguns programas de literatura francesa de outras universidades, eu acho o nosso bastante interessante, porque nós temos... A licenciatura menos, nós temos quatro disciplinas de literatura para licenciatura, que são Panorama, Teatro, Romance e Poesia: essas são as quatro obrigatórias para licenciatura. O bacharelado acrescenta crítica, a cadeia obrigatória-seletiva que pode ser Áfricas, Américas ou Europas... E ainda tem Contextos Culturais da Literatura Francesa. Essa disciplina, na verdade, ela vai desaparecer na reformulação do currículo que a gente tá fazendo, porque na verdade ela se mistura um pouco com Panorama. A gente não consegue diferenciar tão bem uma da outra. [...] Essas coisas se perdem à medida que as gerações de professores vão se sucedendo e a gente perde um pouco a memória de porquê foi criada uma disciplina como Contextos Culturais e Panorama, porque elas podem se complementar de alguma forma, mas elas podem também dar ao aluno a sensação de estar estudando a mesma coisa. Tanto é que na equipe a gente tenta evitar que o mesmo professor ofereça as duas pelo menos no mesmo semestre para que não reforce essa sensação. Então eu acho que a gente, aqui, consegue abarcar bastante coisa com essas disciplinas. [...] Um problema: eu estava falando do exótico agora a pouco, né... A questão é: falo mais pela minha experiência - mas ela é influenciada também pela experiência de alguns colegas daqui - eu acho que a gente tende a restringir as literaturas de fora da França à essas três [disciplinas]: Américas, Áfricas e Europas (Europas, excluída a França). E quando a gente trata de Romance, Poesia e Teatro, a gente tende a concentrar na França. [...] Aí agora eu apresento um outro problema: a gente faz a separação por gêneros, né? Tem Panorama, que dá uma dimensão histórica e depois a gente separa por gêneros: Poesia, Teatro e Romance. O problema é que a gente acaba ficando entre duas perspectivas: separar por gêneros ou separar por séculos. A separação por séculos, ela é interessante porque a gente pode se concentrar em questões de contexto que perpassam os diferentes gêneros - isso pode ser bastante interessante. Então, por exemplo, estudando romantismo a gente pode ver a influência da filosofia romântica, da poesia romântica e do romance romântico, do teatro romântico... O Victor Hugo, por exemplo, tem toda a reflexão dele sobre o teatro naquele período. Então, quando a gente vai ver poesia, unicamente, a gente vai ver a poesia do Victor Hugo, vamos supor, a gente deixa de lado o teatro dele e no máximo a gente pode fazer referência ao prefácio de Cromwell no qual ele faz aquele desenvolvimento sobre o grotesco e o sublime que é muito importante para o romantismo. Então, eu acho que a gente também não consegue escapar muito disso. Quando a gente faz essa separação por gêneros, ela também é interessante por um lado porque a gente consegue estudar especificidades de cada gênero, né... O que é próprio do teatro, da poesia e do romance. Então é uma escolha que é feita pelos professores quando discutem o projeto pedagógico do curso. A gente teve uma versão desse projeto que a gente está discutindo e deve entrar em vigor ano que vem, talvez, é... Havia uma proposta de transformar as disciplinas em uma separação por século, em vez de gênero, e a gente acabou voltando atrás. Por uma dificuldade também, porque são mais séculos, e a gente teria dificuldade de como ofertar essas disciplinas com três professores na equipe. Então tem questões também que não são simplesmente de ordem literária, às vezes ela é de ordem administrativa. Porque se a gente tivesse, por exemplo, uma disciplina de século XX... Século

XX já ocuparia uma disciplina, século XIX, também muito grande, ocuparia outra... A gente teria [séculos] XVIII e XVII talvez ocupando uma disciplina e a gente precisaria de uma quarta disciplina ou quinta para pegar Idade Média, Renascimento e século XVII, por exemplo... E a gente não tem professor pra isso. Então, o que eu acho, para tentar resumir: [...] eu acho interessante porque a gente acaba fazendo uma organização por gêneros o que nos permite discutir especificidades de cada gênero, tem a disciplina de panorama que ajuda a dar um viés um pouco histórico, ainda que limitado, eu acho, a gente inclui as disciplinas de Áfricas, Américas e crítica literária. Eu não tenho lembrança aqui de outro programa, de outro curso de graduação que tenha tanta diversidade. E uma outra coisa, ainda que a gente faça essa divisão por gêneros, pelo menos as ementas das disciplinas trazem um viés histórico. Então, a gente se concentra em um gênero, mas também tenta trazer um viés histórico. Na minha experiência na UFMG, as ementas eram muito mais abertas e os professores tinham, por hábito, se concentrar naquilo que era a pesquisa deles. Então você tinha, às vezes, uma disciplina de romance francês que era concentrada em um escritor canadense que aquele professor pesquisava. Então eu tenho a impressão de que aqui, talvez a gente tenha, e para a graduação isso é mais interessante, a gente tenha uma visão um pouco mais horizontal, a gente apresente uma visão um pouco mais horizontal da literatura do que eu via acontecer na UFMG, mais ou menos. Em Juiz de Fora, onde eu trabalhei, também acontece como aqui: tem a divisão por gêneros e também essa perspectiva histórica dentro de cada gênero. [...] Em Juiz de Fora só tem três disciplinas de literatura (Romance, Poesia e Teatro. Não tem Panorama, não tem crítica, não tem literaturas fora da França). Mas havia uma professora que se aposentou recentemente, a Enilce, que inclusive é tradutora do Édouard Glissant. Ela traduziu *Introdução a uma poética do diverso*, alguma coisa assim... A Enilce é alguém que trazia para as disciplinas pelo menos a parte teórica do trabalho do Glissant, que é muito importante para estudos culturais, pós-coloniais... É basicamente isso, é uma escolha que a gente tem que fazer, mas eu acho que aqui a gente tem um maior número de disciplinas do que eu vejo em alguns outros lugares e a gente consegue abarcar um pouco essa diversidade, saindo da concentração em cima da França... Na medida do possível. Porque, por exemplo, com a equipe que tem hoje de literatura francesa: eu e o Sidney ofertamos a disciplina de Américas, por uma razão específica: nós temos mais leitura em literatura de língua francesa das Américas. Por exemplo, eu não teria condições de ofertar a disciplina de áfricas pelo menos sem um período para que eu me prepare para ofertar a disciplina. [...] Então, o fato de, no PPC, a gente ter toda essa oferta, não quer dizer que a gente consiga ofertar. E principalmente pelo fato de ser uma cadeia de obrigatória-seletiva, nós não somos obrigados a oferecer todas elas, basta oferecer uma. Então, o que eu teria para dizer de maneira resumida: eu acho que a gente consegue abarcar muita coisa, mas nem sempre a gente tem quadros preparados para ofertar todas essas disciplinas. [...] Eu acho muito interessante, porque a questão do PPC ela é uma briga também política dentro do departamento. [...]

Pergunta 3 - O PCC prevê cerca de 300 horas-aula de literatura francesa e 60 horas-aula em literaturas de fora da França. Como isso se justifica em sua opinião?

D.T.C.A.: Política. Se justifica não só por política, mas uma certa ideologia. Sem pensar pejorativamente a ideia de ideologia. [...] Vamos pensar o seguinte, usando mais ou menos a

ideia do Antonio Candido sobre a literatura brasileira (que ele só considera literatura brasileira a partir do Romantismo que é quando a gente tem a estrutura mais formada de uma comunidade de leitores, comunidade de escritores, a obra, um sistema de circulação dos saberes em torno da literatura, e que existe alguma autonomia da literatura brasileira). Se a gente pensar na literatura francesa, acontece mais ou menos a mesma coisa: pelo fato da França ser um Estado nacional já há muito tempo, com a autonomização da literatura enquanto campo do saber a partir do século XVIII, XIX, a formação da crítica, universidades, escolas... Então tudo isso acaba estruturando a literatura francesa e os estudos em torno da literatura francesa. Essas literaturas, vamos dizer, periféricas, enquanto também esses países são colônias, elas de alguma forma entram nesse arcabouço como braços da literatura francesa. São, de certo modo, literatura francesa de além-mar ou periférica ou colonial... Então também eu acho que esse processo de legitimação e autonomização dessas literaturas passam pela independência política, cultural, social desses países, também. Eu acho que não é à toa, os estudos culturais, pós-coloniais, eles também vêm trazer uma outra percepção sobre essas literaturas, de reconhecimento de valor estético, de reconhecimento de representação... E tem uma outra coisa também: a dificuldade de acesso. Não é tão simples a gente ter acesso. Pensa: todo mercado editorial que existe na França com o mercado editorial restrito desses outros países. Como que eles conseguem distribuir? A maior parte desses autores são emigrados, a maioria deles não vive nos países em que eles nasceram. A gente estudou o Dany Laferrière, mora no Canadá, publicou no Canadá. Tem um dramaturgo... Africano, mas mora na França... Togolês, se não me engano... Kossi Efovi. Então eu acho que a questão não é simples, não tem a ver simplesmente com preconceito, com falta de interesse. Por exemplo, no meu concurso aqui para a UnB, um dos pontos da prova era a literatura-mundo... [...] Uma espécie de manifesto pela literatura-mundo, fazendo toda aquela discussão com a francofonia... Não foi fácil achar material para conseguir estudar aquele tópico, porque a gente não encontra para baixar, a gente não encontra para comprar, se for comprar, muitas vezes é muito caro... É bem complicado. Então, isso se justifica um pouco por isso: os estudos de literatura francesa são mais difundidos, estão mais estabelecidos... E tem mais coisa aí. A gente pode, de alguma forma, considerar a literatura como uma espécie de *soft power* que a gente usa na política internacional, como o cinema americano que vem de um modelo de vida americano, valores americanos, coisas assim... Então, por exemplo, os adidos culturais da França, a Aliança Francesa espalhada pelo mundo inteiro... Por exemplo, era muito comum - pelo menos em determinado período, e eu sei que em Belo Horizonte isso acontecia, não sei se a generalização cabe -, mas era muito comum: quando as pessoas começavam a ganhar certa autonomia na língua francesa, na Aliança Francesa, eles tinham como trabalho a leitura de *O Estrangeiro*, do Camus. Então a gente vê que, por exemplo, por que que tinha de *O Estrangeiro*, do Camus, mas não tinha do Dany Laferrière, por exemplo? Porque existe um programa, mesmo, de divulgação, de difusão cultural que é bancado pelo Estado francês. [...] O Quebec é um pouco diferente, porque o Canadá é um país rico... 'Tá' aí! É uma coisa interessante... Os estudos canadenses ou quebequenses, por exemplo, são muito mais difundidos do que outros, principalmente os africanos, porque também eles conseguem fazer isso. A gente tem aqui no Brasil a ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses). Eu não sei se hoje em dia eles fazem congressos a cada dois anos, alguma coisa assim, mas são congressos grandes. Nisso, vem dinheiro do Canadá, tem a

mobilidade que a gente pode ir para lá estudar, são grandes bibliotecas, grandes universidades... Tudo isso. Agora, esses outros países muitas vezes não têm condição de ter a mesma política cultural. Então, na verdade, eu acho que o PPC acaba sendo um reflexo disso. Porque a gente acaba ensinando aquilo que a gente aprendeu. É claro que, o fato da gente ainda poder fazer pesquisa nas universidades federais nos permite ir atrás dessas coisas. [...] Então, eu acho que o PPC acaba reproduzindo um pouco essa estrutura de política cultural. [...] Eu acho que o PPC talvez seja um reflexo disso, de divulgação cultural, disponibilização de obras e, ao mesmo tempo, estruturação dos estudos em torno daquilo. Porque na França a literatura, pelo menos no sistema universitário, acadêmico, a literatura ainda tem um espaço importante, não na sociedade em si - talvez tenha mais do que no Brasil -, mas também já não é mais aquela aura toda em torno da literatura.

Pergunta 4 - Na condição de professor de literatura, e tendo em mente a diversidade, qual (ou quais) literatura(s) o senhor consideraria mais relevante(s) para o aprendizado da língua-cultura?

D.T.C.A.: Todas. Eu estava ouvindo um vídeo do Luís Felipe Pondé, aquele filósofo liberal... Engraçado que eu estava vendo isso hoje. Aí perguntaram quais são os cinco filósofos preferidos dele e eu vou usar mais ou menos a resposta dele pra te responder... Antes disso, há pouco tempo eu estava assistindo um seminário de psicanálise e o psicanalista falou o seguinte: que a psicanálise não é uma questão de curso, mas de percurso. E eu achei que isso se aplica muito à literatura. Não é uma disciplina que você faz que vai te formar. Vamos supor, você faz uma disciplina de romance francês, você não vai sair dessa disciplina formada em romance francês. Para você aprender sobre romance francês é na verdade todo um percurso de dedicação de muito tempo... Às vezes a sementinha vai ser plantada na disciplina, vai te dar as bases para poder ir atrás de outras coisas. [...] Então eu acho um pouco isso, tem essa questão de ser percurso e não ser curso. Sobre o comentário do Pondé, sobre os cinco filósofos que ele prefere, eu diria o seguinte: a questão é, tudo depende do que a gente é capaz de extrair daquela literatura para os fins que a gente quer chegar. Porque se as questões língua-cultura estão ligadas, cada uma delas vai nos permitir aprender alguma coisa. Por isso eu digo que todas são, mas como é impossível a gente ter todas, pelo tempo disponível, tudo vai depender do que a gente consegue extrair daquilo. Isso que eu falei de a gente olhar pra França um pouco nesse viés da transmissão cultural de lá para cá. A gente pode pegar essa mesma literatura e ler de maneira crítica, ressaltando por exemplo o eurocentrismo da parte deles. Por outro lado, a gente pode ir para a literatura do Haiti, por exemplo, e mostrar outros aspectos. Então eu acho que eu não conseguiria apontar uma literatura em detrimento da outra. Eu acho que depende de como se trabalha e de preferência que a gente consiga apresentar para os alunos da maneira mais variada possível. A gente consegue extrair de todas elas muitas coisas. Talvez o que eu poderia dizer é que a gente estuda literatura de língua francesa porque nós estamos em um curso de língua francesa e respectiva literatura porque a gente poderia fazer a mesma coisa com outras literaturas. A questão aqui é a potencialidade que a literatura traz para o aprendizado, o fato de ser em língua francesa é consequência de ser um curso de língua francesa. Mas o que eu poderia dizer é isso: idealmente, o melhor seria que a gente consiga ofertar para os alunos e que eles passem pela gama mais variada possível

de literaturas em língua francesa, vindas das mais diferentes regiões. Aí é importante que o professor seja capaz de fazer essa varredura, ele não pode se acomodar com um tipo de literatura apenas. [...] O professor precisa, de alguma forma, ter essa preocupação de fazer uma varredura mais vasta de literaturas provenientes de diferentes lugares, não apenas do cânone literário, principalmente de base francesa.

Pergunta 5 - O senhor consideraria a literatura francesa mais relevante para o aprendizado da língua-cultura do ponto de vista da exposição de dados?

D.T.C.A.: Eu pensei na exposição de dados no sentido de disponibilização, de disponibilidade. Porque, por exemplo... Eu trabalho com muita coisa digital, disponibilizada digitalmente. Então os meus lugares de busca oficiais são quase todos do eixo França-Canadá. Então a gente tem a Gallica, aquele site ligado à Biblioteca Nacional Francesa, em que tudo aquilo que já não tem mais direito autoral, a gente consegue ter acesso. Então é muito interessante porque obras muito antigas a gente consegue baixar gratuitamente ali. A gente tem as plataformas de artigos acadêmicos como a Percé, que é francesa, e a Érudit, que é canadense, que também permitem, pelo menos, o acesso a produções científicas. Tem o Academia, hoje, que eu tenho encontrado muito material de professores ou pesquisadores fora desse eixo França-Canadá, as vezes do Leste Europeu, por exemplo, mas que trabalham com a língua francesa e têm produzido. [...] Não acho mais importante, não... Seria muito eurocentrismo da minha parte achar que ela é mais importante. Ela tem a questão de mais tempo da história humana dedicada aos estudos da literatura francesa, a gente está começando a ir atrás de literaturas provenientes de outros lugares. Então eu não diria que ela é mais importante, talvez seja isso: o acesso é mais fácil. Mas como eu disse, a depender da maneira com a qual o professor trabalha, com que ele investe no estudo dessas outras literaturas... Não, não necessariamente a literatura francesa é a melhor. Até porque as vezes pensando em literaturas - vamos chamar de periféricas -, as vezes a realidade que elas trazem é muito mais próxima da nossa, aqui, do que a literatura francesa, produzida na França. Então dependendo da origem dos estudantes, do meio social, às vezes uma literatura periférica pode comunicar muito mais a eles do que uma literatura francesa. Isso não quer dizer, por exemplo, - eu tenho trabalhado com literatura mais contemporânea - isso não quer dizer que mesmo a literatura mais antiga, mais afastada temporalmente da gente, não tenha questões para trazer. Basta saber tirar dela... Porque a leitura é sempre uma atualização da obra, a obra pode ser sido escrita há quatro séculos, mas a gente vai sempre fazer uma leitura contemporânea dela. [...] Não acho que a literatura francesa seja privilegiada nesse sentido. E quanto mais eu aprendo sobre essas literaturas periféricas, mais eu vejo que elas têm uma capacidade de reflexão e de comunicação enorme. Não dá para colocar a literatura francesa como privilegiada nesse sentido.

APÊNDICE B - Questionário online⁷

Identificação (pseudônimo): Fada

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Licenciatura

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Eu penso que são poucas disciplinas levando em consideração o mundo de literaturas em língua francesa que existe. Sem contar que dentro dessas disciplinas obrigatórias trabalhamos muitas coisas, são muitas informações para a minha pobre cabeça.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (canadense), Americana (Haiti, Antilhas, Guiana), Asiática, Europeia (Bélgica, Suíça), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Porque é um curso que deveria nos tornar especialistas em língua francesa, todas as literaturas acima são em língua francesa, logo torna-se óbvio o motivo pelo qual deveríamos estudar todas.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Foi no En Classe et En Scène.

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Foi incrível! Eu tinha muita vergonha de falar em francês com outras pessoas e o projeto me ajudou muito nisso, além disso, aprendi muito sobre literatura/gramática/pronúncia de uma maneira descontraída, didática e divertida.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Foi de extrema relevância, pois me deu uma visão totalmente diferente do que eu aprendi dentro das literaturas francesas obrigatórias, além de tudo que eu citei na resposta anterior.

⁷ O questionário online teve por objetivo coletar depoimentos de dois grupos: alunos do curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura e alunos que tenham participado das atividades do projeto de extensão *En Classe et En Scène*. Os grupos não coincidem necessariamente. Os discentes participaram anonimamente, adotando pseudônimos.

Identificação (pseudônimo): Leticia

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respeiva Literatura?

Resposta: Licenciatura

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Elas aprofundam bastante os movimentos literários. São importantes para aprofundar não só o conhecimento da língua, mas sobre a história e a cultura também. De fato, as literaturas obrigatórias são focadas apenas na França e se tivermos interesse em outros países francófonos precisamos procurar nas optativas. Concordo que é uma literatura extensa e diversa para compilar nas obrigatórias, mas seria interessante explorar uma visão menos eurocêntrica.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Europeia (Bélgica, Suíça), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Pois concentram a maior parte da literatura francófona e a partir delas, conseguimos explorar a cultura e a história da maioria dos francófonos.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Na disciplina de Civilização de Expressão Francesa

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Consegui trabalhar a entonação no francês, aprender sobre texto teatral e conhecer um pouco sobre a literatura africana.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: É uma experiência em que o aluno só tem a ganhar. O vocabulário se expande por meio das leituras e a pronúncia/entonação/ritmo são praticados nos exercícios cênicos. Além disso, podemos ter uma visão não eurocêntrica da cultura francófona.

Identificação (pseudônimo): Madalena

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Licenciatura

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Bom, depende muito do professor, mas acredito que são poucas pra muito conteúdo. Acho que são muito compactadas e acabamos saindo com pouca noção da literatura de fato.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Pela quantidade de conteúdo literário.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Na disciplina de Civilização de expressão francesa com a professora Glória

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Foi excelente, não só pelo conhecimento literário e teórico sobre o teatro, mas também pra aprendizagem da língua. Todo coletivo se dispõe a ajudar.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Acho que foi fundamental para a ideia de decolonialização, e compreensão da língua francesa em outras culturas e movimentos contemporâneos.

Identificação (pseudônimo): May

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Bacharelado

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: No geral as disciplinas de literatura em língua francesa, são cruciais para a imersão completa na língua estrangeira. As disciplinas literárias da graduação são muitas vezes semelhantes na forma de apresentação, sempre com obras que compõe o estilo retratado, instigando o entendimento ao tema principal.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (Haiti, Antilhas, Guiana), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Todas citadas contém um peso histórico farto de acontecimentos, juntamente com uma carga literária extremamente relevante e com assuntos que são discutidos atualmente.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Não se aplica

Identificação (pseudônimo): Lore

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Dupla habilitação

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: São introdutórias e capacitam bem os futuros discentes

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (Haiti, Antilhas, Guiana), Europeia (Bélgica, Suíça), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Pela relação da história sobre a colonização da França nesses países e continentes e sua importância no contexto de visibilidade de literaturas francófonas

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Na aula sobre literatura francesa na Guiana

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Bastante. Tanto pela parte teatral e seus desafios quanto por toda a contribuição de termos e maneiras de falar idiomáticas.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Foi uma maneira extremamente rica de me aprofundar na literatura francesa, além de compreender problemáticas e denúncias sociais presentes nos textos, o que me faz ter potencialidade de trabalhar temas africanos em sala de aula.

Identificação (pseudônimo): La Reine

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Licenciatura

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: São de extrema importância para o desenvolvimento cultural dos futuros docentes da língua francesa.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (Haiti, Antilhas, Guiana), Europeia (Bélgica, Suíça), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Por trazer uma visão geral dos acontecimentos históricos e culturais desses lugares.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Não se aplica

Identificação (pseudônimo): Iasmin

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Bacharelado

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Apesar da leitura ficar mais pesada, e do debate ficar mais difícil de entender com os problemas da internet ou da plataforma, as aulas de literatura conseguem passar o conteúdo. Também faz falta o professor escrever as palavras às vezes para não haver dúvidas sobre a escrita (um problema pessoal meu de querer saber como escreve tudo).

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (canadense), Americana (Haiti, Antilhas, Guiana)

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: As literaturas da Américas e da África saem do padrão europeu. São pertinentes quando falam dos problemas causados pela colonização e também esse outro lado da história que é contada como superior.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Não se aplica

Identificação (pseudônimo): Maria

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Licenciatura

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Eu gosto bastante de como são organizadas as literaturas Fr na graduação. Literatura "Panorama" Fr me deu literalmente um panorama incrível do que é a literatura francesa e me auxiliou nas outras literaturas também de língua francesa, talvez eu tenha tido profs muito bons, mas gostei bastante.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (canadense), Americana (Haiti, Antilhas, Guiana), Europeia (Bélgica, Suíça), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Pois ao falar da Língua Francesa, ou melhor da literatura Francesa é necessário abordar a literatura dentro da sua diversidade linguística, ou seja, contemplar toda civilização de expressão francesa.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Quando ainda estava no ensino médio (eu já estudava Fr) e assisti a peça "La mère trop tôt", uma montagem do coletivo "En classe et en scène".

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Uma experiência muito rica no que diz respeito ao tanto que eu aprendi e continuo aprendendo no coletivo. Uma experiência que contribuiu e contribue para minha formação não só acadêmica mas profissional e pessoal.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: No que diz respeito ao conhecimento linguístico, é de grande relevância pois me ajudou na entonação da língua, a compreender melhor certas estruturas gramaticais e etc. Para a minha formação cultural, não sei nem o que dizer, pois tem uma relevância mais do que importante, mas necessária, me abriu vários horizontes.

Identificação (pseudônimo): Juliana

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Bacharelado

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: São de extrema importância mas deveriam abordar, elencar mais conteúdos atuais, mais literatura contemporânea.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Europeia (Bélgica, Suíça), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Porque são as que mais possuem riqueza de detalhes e conteúdo para literatura francesa.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Não se aplica

Identificação (pseudônimo): Elle

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Bacharelado

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Extrapolou minhas expectativas pela abrangência e profundidade.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (canadense), Americana (Haiti, Antilhas, Guiana), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Pela ideia de literatura mundo e de expressão francesa.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Gustave Akakpo

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Foi experiência de corpo, linguagem e coletivo. Contribuiu para minha formação principalmente como alguém que vive a UnB.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Eu sei que a gente pode melhorar a cada leitura e a cada apresentação em público, falando e se colocando perante a língua que nos desafia a aprender.

Identificação (pseudônimo): Leo

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Licenciatura

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: A literatura é muito importante na formação de um professor de língua estrangeira. Conhecer as diferentes literaturas dentro de uma língua em comum é o caminho para se entender a especificidade e particularidade de uma cultura.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Americana (Haiti, Antilhas, Guiana)

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Acho importante a visão dos colonizados no processo de construção da identidade de uma língua colonizadora.

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Não se aplica

Identificação (pseudônimo): Joy

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: Não se aplica

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Durante o coletivo En Classe Et en Scène, na leitura de Le Carrefour.

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: O coletivo me proporcionou a experiência de projetar a fala em língua estrangeira, tornando a mais fluída e segura. Assim como ter contato com outras culturas e refletir sobre questões fora da minha zona de conforto.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: Essencial, o coletivo ampliou minha visão sobre a língua francesa e literatura. Além de desenvolvimento pessoal, pela prática do teatro e do contato humano.

Identificação (pseudônimo): Álvaro de Campos

Pergunta 1 - Qual a sua habilitação no curso de Língua Francesa e Respectiva Literatura?

Resposta: Licenciatura

Pergunta 2 - Considerando a diversidade existente, qual a sua percepção a respeito das disciplinas de literatura (em língua francesa) da graduação?

Resposta: Não é minha área preferida do curso, mas os professores que assumem as disciplinas de literatura francesa são incríveis. Acredito que além das existentes atualmente no curso, poderiam ter mais opções de literaturas francesas, e deveríamos poder escolher quais cursar.

Pergunta 3 - Considerando a origem, qual (ou quais) literatura(s) em língua francesa você consideraria mais relevante(s) no processo de aprendizagem do francês?

Resposta: Africana, Europeia (Bélgica, Suíça), Francesa

Pergunta 4 - Por que você a(s) considera mais relevante(s)?

Resposta: São tão importantes quanto as que são exigidas atualmente

Pergunta 5 - Qual foi seu primeiro contato com um texto literário em língua francesa que não fosse de origem francesa/canadense/europeia?

Resposta: Le petit prince

Pergunta 6 - Como foi a sua experiência no En Classe et En Scène? Como ela contribuiu para sua formação?

Resposta: Foi uma experiência única, a oportunidade de enxergar a obra além, entender o que o autor gostaria de passar e tentar vivenciar aquilo, para o público também entender. Por mais trabalhoso que seja, vale muito a pena, principalmente quando a gente vê o resultado final. Uma oportunidade de sair das tradicionais aulas nas quais os professores falam os alunos escutam, poder viver um ambiente diferente, é uma experiência relevante, se tornou um marco na minha graduação.

Pergunta 7 - Como você descreveria a relevância de participar das atividades do En Classe et En Scène em sua formação linguística e cultural?

Resposta: A experiência de vivenciar como se estivéssemos na época e no livro, além da leitura, encarnar os personagens, me fez ter uma visão completamente empática. Uma nova versão. Abordar os sotaques, costumes e dilemas da época do livro, trás a riqueza de sentir na pele um pouquinho do que se passou na época, um pouquinho do que o autor queria que vivéssemos e enxergássemos.

ANEXO 1 - Plano Pedagógico de Curso⁸

INTRODUÇÃO AO PROJETO

Em agosto de 2010, em reunião dos professores dos Departamentos de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) e Teoria Literária e Literaturas (TEL), responsáveis pelo Curso de Letras – Bacharelado em Língua e Literatura Francesas, foi eleita uma comissão para estudar e elaborar a reforma curricular do curso, considerando-se as necessidades deste, o novo quadro docente e as especificidades da UnB em consonância com as exigências estabelecidas pelo MEC a respeito dos cursos de bacharelado. Foram então eleitos pelos docentes da área de Língua e Literatura Francesas três professores do quadro efetivo e um representante discente, este escolhido dentre os nomes de discentes sugeridos na referida reunião.

Os trabalhos e as discussões aconteceram entre agosto de 2010 e novembro de 2011, tendo como objetivos gerais:

- estudar e analisar o currículo atual;
- estudar e analisar currículos de outras IES que já haviam procedido à reformulação curricular;
- elaborar o novo projeto curricular observando as especificidades da UnB e as da própria habilitação.

A partir daí a comissão reuniu-se sistematicamente e empreendeu um trabalho minucioso, que consistiu das seguintes etapas:

- análise sistêmica do currículo antigo;
- coleta de informações administrativas;
- levantamento e análise de currículos de outras IES;
- avaliação dos referenciais e das normas da UnB;
- estudo das demandas e das normas do MEC;
- levantamento das deficiências do currículo atual, sob a perspectiva de docentes e discentes;
- consultas indiretas junto ao quadro discente;
- discussões com o quadro docente;
- consultas e discussões com a Coordenação do Curso de Letras;
- adequação entre as demandas do MEC, as necessidades pedagógicas, o desejo de um projeto acadêmico de qualidade, as especificidades da própria instituição e da comunidade em geral para a elaboração do novo projeto curricular;
- discussão e aprovação da proposta elaborada.

⁸ Foram anexados trechos relevantes do PPC do bacharelado em Língua Francesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, bem como os trechos analisados na presente monografia, em razão de o documento não ser público.

Após a aprovação do currículo aqui apresentado no âmbito do Instituto de Letras, seguiram-se os trabalhos de adequação ao curso de Letras como um todo e a confecção de formulários destinados à implementação do curso, o que foi feito do início de fevereiro de 2012 ao mês de outubro de 2012.

O Projeto aqui apresentado atende às especificações passadas pela Coordenação do Curso de Letras, assim como às exigências do Conselho do Instituto de Letras da UnB e deve integrar o Projeto Político e Pedagógico de reformulação do Curso de Letras como um todo, aí figurando como uma das habilitações oferecidas.

O Projeto segue ainda as recomendações do Parecer CNE/CES n. 8/2007 da Câmara de Educação Superior do Ministério da Educação quanto às cargas horárias mínimas para os cursos de graduação e bacharelados na modalidade presencial para o curso de Letras.

A comissão de reforma curricular, em concordância com o quadro docente responsável pelas habilitações de Língua e Literatura Francesas (bacharelado e licenciatura), acredita que a habilitação do bacharelado se caracteriza, em relação à habilitação da licenciatura, primeiramente pela ausência de disciplinas pedagógicas e de disciplinas de estágio docência, uma vez que estas estão voltadas para o exercício docente nos ensinos fundamental e médio. A especificidade do bacharelado em Língua e Literatura Francesas estaria na sua vocação para o campo da pesquisa, o que torna obrigatório ao discente o desenvolvimento de um trabalho de Iniciação Científica em projeto de um docente da área de Língua ou Literatura Francesas em sua referida área de atuação. A Iniciação Científica deverá ser iniciada no quinto ou no sexto períodos do curso, pois terá duração de um ano. Após a conclusão do trabalho de Iniciação Científica, o discente deverá se engajar novamente junto a um professor do quadro de Língua ou Literatura francesas (não obrigatoriamente seu próprio orientador de Pibic) em projeto de Iniciação Científica do docente escolhido e proceder a seu estágio de bacharel, pondo em prática os conhecimentos científicos adquiridos. O estágio será realizado no 7º ou 8º períodos do curso (a depender do término do trabalho de Iniciação Científica do discente) e terá a duração de um semestre letivo, período no qual o discente acompanhará e auxiliará o professor e seu(s) orientando(s) no desenvolvimento de algumas das etapas da pesquisa de Iniciação Científica ora realizada. Recomendamos ainda a participação do discente de bacharelado em grupos de pesquisa institucionais relativos ao estudo da Língua ou da Literatura Francesas e/ou em grupos que trabalhem em áreas afins.

Assim, conforme as solicitações feitas pela Coordenação do Curso de Letras da UnB, seguem-se:

- a explicação sobre a concepção acadêmica da matriz curricular;

- a própria matriz curricular/fluxo (com número de créditos de cada disciplina, indicação de disciplina teórica ou prática/obrigatória, obrigatória seletiva ou optativa, lista de pré-requisitos, equivalências, ementas das disciplinas);
- a lista do quadro docente de Língua e Literatura Francesas;
- a explicação sobre a operacionalização do estágio de bacharel em Língua ou Literatura Francesas;
- a explicação sobre a operacionalização do TCC;
- anexos os formulários de equivalência e de criação de novas disciplinas.

1. HISTÓRICO DO CURSO

O Curso de Letras – Bacharelado em Língua e Literatura Francesas foi reconhecido pela Portaria n. 064745 em 30/06/1969 no âmbito do Instituto de Letras (IL) da Universidade Brasília. Antigamente denominado Instituto Central de Letras, o IL foi fundado em 1962 e contava com professores de carreira especial, ensino instrumental das Línguas Portuguesa, Francesa e Inglesa. A partir de 1964, dividiu-se em quatro departamentos (Linguística, Língua Portuguesa, Teoria Literária e Literatura Brasileira), três centros (Centro de Estudos Clássicos, Centro Brasileiro de Estudos Portugueses e Centro de Estudos das Culturas e Línguas Indígenas, este último em associação com o Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas).

Hoje o Instituto de Letras é composto pelos Departamentos de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET); Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) e Teoria Literária e Literaturas (TEL).

O Instituto de Letras conta com aproximadamente 150 docentes, cinquenta servidores e 3 mil alunos, dos quais aproximadamente 260 alunos das diferentes habilitações em Língua e Literatura Francesas.

1.1. JUSTIFICATIVA

O Curso de Letras – Bacharelado em Língua e Literatura Francesas da UnB tem como objetivo formar bacharéis de língua francesa e respectiva literatura. O público-alvo constitui-se de alunos vindos do ensino médio do Distrito Federal e de escolas do entorno. O curso ofertado pela UnB justifica-se pela concentração em Brasília de embaixadas de países francófonos e pela demanda do mercado editorial da capital, assim como a de órgãos públicos. Como o bacharelado tem vocação eminentemente acadêmica, o curso da UnB destaca-se em meio às poucas habilitações na área em instituições federais do país destinadas a formar o profissional sobretudo para a pesquisa científica.

Tendo como base a legislação pertinente, a estrutura curricular do curso de Letras – Bacharelado em Língua e Literatura Francesas –constrói-se por meio do dialogismo entre a teoria e a prática, com uma orientação para a formação continuada dos graduandos. Contempla ainda os três

pilares da educação superior, produzindo a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Em resumo, os princípios que norteiam a organização do fluxo curricular do curso são:

- a integração entre teoria e prática;
- o estímulo à integralização dos créditos por meio de percursos flexíveis;
- a articulação entre ementas, objetivos e perfil do graduando.

Dados esses pressupostos, o currículo estrutura-se por meio de disciplinas obrigatórias (OBR), obrigatórias seletivas (OBS), optativas (OPT) e de módulo livre (ML), de tal forma que, ao mesmo tempo em que contempla o desenvolvimento de competências e habilidades, permite ao estudante desenhar seu próprio percurso educacional.

Com relação à carga horária, o curso de Letras – Bacharelado em Língua e Literatura Francesas exige o cumprimento de um total de 2.250 horas, em um mínimo de seis e um máximo de 14 semestres.

Cumprido ressaltar que existe oferta regular pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da disciplina “Libras – Básico” (com carga de 60 horas) e que os conteúdos referentes às questões étnico-raciais são trabalhados transversalmente em disciplinas das áreas de Língua/Linguística e de Literatura ou, ainda, em disciplinas de domínio conexo (ofertadas por outros departamentos e computadas como optativas ou módulo livre).

Existe também regulamentação interna do Instituto de Letras para o cômputo da carga horária referente às atividades complementares (de natureza acadêmico-científico-cultural).

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do curso de Bacharelado em Letras Francês é formar bacharéis interculturalmente competentes, com espírito crítico e científico, aptos para o mercado de trabalho, conscientes da necessidade de buscar sua formação continuamente e desejosos de participar ativamente do aprimoramento da reflexão sobre os fenômenos linguísticos e literários de expressão francesa, bem como sobre a relação desses fenômenos com aqueles expressos em outras línguas.

1.2.2. OBJETIVO ESPECÍFICO

Formar críticos literários, editores, revisores de textos, assessores culturais ou pesquisadores na/da língua e literatura francesas.

ANEXO 2 - Ementas ⁹

Ementa 1 - Literatura de Língua Francesa 1

Órgão: TEL Departamento de Teoria Literária e Literatura

Código: 141275

Denominação: LITERATURA DE LÍNGUA FRANCESA 1

Nível: Graduação

Início da Vigência em 1962/1

Pré-requisitos: LET 142018 LÍNGUA FRANCESA 2

Ementa: Início da Vigência em 2018/1

La littérature de langue française d'Haïti, des Antilles-Guyane et du Québec depuis la période coloniale jusqu'à nos jours ; rappels historiques et théoriques ; mouvements emblématiques et auteurs majeurs ; intellectualité et réflexion politico-sociale.

Ementa 2 - Literatura de Língua Francesa 2

Órgão: TEL Departamento de Teoria Literária e Literatura

Código: 141283

Denominação: LITERATURA DE LÍNGUA FRANCESA 2

Nível: Graduação

Início da Vigência em 1962/1

Pré-requisitos: LET 142018 LÍNGUA FRANCESA 2 OU LET 145947 Prática Francês Oral Escrito 2

Ementa: Início da Vigência em 2000/1

Literatura de expressão francesa no continente africano. Autores representativos. A "negritude" e suas manifestações literárias.

Ementa 3

Órgão: TEL Departamento de Teoria Literária e Literatura

Código: 141291

Denominação: LITERATURA DE LÍNGUA FRANCESA 3

Nível: Graduação

⁹ Foram anexadas as ementas das disciplinas de literatura francesa citadas na monografia. Estas disciplinas são ofertadas pelo Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. Disponível em <<https://matriculaweb.unb.br/graduacao/curriculo.aspx?cod=4219>>. Acesso em 22 de dezembro de 2020.

Início da Vigência em 1962/1

Pré-requisitos: LET 142018 LÍNGUA FRANCESA 2 OU LET 145947 Prática Francês Oral Escrito 2

Ementa: Início da Vigência em 2000/1

Literatura belga. Literatura suíça. Literatura canadense de expressão francesa. Principais autores. Análise de obras representativas e características.